UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE- FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA LITERATURA

KARINE BITENBENDER OLIVEIRA

IDENTIDADE JUDAICO-GAÚCHA: ESTHER E OS CICLOS DA IMIGRANTE EM MOACYR SCLIAR

RIO GRANDE
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE- FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA LITERATURA

KARINE BITENBENDER OLIVEIRA

IDENTIDADE JUDAICO-GAÚCHA: ESTHER E OS CICLOS DA IMIGRANTE EM MOACYR SCLIAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial e último para obtenção do título de Mestre em Letras.
Área de concentração: História da Literatura.
Orientador: Prof. Dr. Ivan Gabriel Grajales Melian

RIO GRANDE
2025

O48i Oliveira, Karine Bitenbender
Identidade judaico-gaúcha: Esther e os ciclos da imigrante em Moacyr Scliar / Karine Bitenbender Oliveira - 2025.
52 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

Orientador: Dr. Ivan Gabriel Grajales Melian

1. Letras. 2 Prostituição 3. Literaturas migrantes. 4. Judaísmo. 5. Identidade. 6. Moacyr Scliar. I. Melian, Ivan Gabriel Grajales. II.Título.

CDU 81/82

Catalogação na fonte: Bibliotecária Brenda Sequeira CRB10/1979

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 11/2025

No dia sete de outubro de dois mil e vinte e cinco, através de videoconferência, realizou-se a 291ª defesa de dissertação no PPGL-FURG, da mestranda Karine Bitenbender Oliveira, intitulada: **“Identidade judaico-gaúcha: Esther e os ciclos da imigrante em Moacyr Scliar”**. A sessão foi aberta às quinze horas e trinta minutos pelo Prof. Dr. Ivan Gabriel Grajales Melian (FURG), orientador da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pela Profa. Dra. Letícia Cao Ponso (FURG) e Profa. Dra. Adriana Ruschel Duval (UNIPAMPA). Depois da apresentação, arguição e respostas, sugere-se acatar as sugestões feitas pela banca, relativas à ampliação de alguns conceitos teóricos, bem como à revisão gramatical e das normas da ABNT. Deste modo, a Comissão decidiu que APROVA a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, o presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata.

gov.br Documento assinado digitalmente
IVAN GABRIEL GRAJALES MELIAN
Data: 07/10/2025 18:34:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Ivan Gabriel Grajales Melian (orientador – FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
LETICIA CAO PONSO
Data: 08/10/2025 09:57:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Letícia Cao Ponso (FURG)

gov.br Documento assinado digitalmente
ADRIANA RUSCHEL DUVAL
Data: 09/10/2025 18:42:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Adriana Ruschel Duval (UNIPAMPA)

AGRADECIMENTOS

Este foi um trabalho construído a muitas mãos. Não porque tenha sido meticulosamente feito em letras distintas e cabeças paralelas, mas porque há a presença da ancestralidade em cada argumentação aqui disposta. Eu não defendo Esther, Maria, Ema, Catarina, Lúcia e tantas outras de nós que habitam nas múltiplas que precisamos ser, eu as represento. Invoquei a todas nós para que um pedaço de uma complementasse a outra e para que todas as vozes tivessem vazão e contentamento. Ainda que duvidando, agarrada na insegurança que ora grita mais alto que a potência da vida, ainda assim, chegamos. Consultamos, perguntamos, desconstruimos. Chegamos. Nós, que desatamos tantos nós, que livres de qualquer emaranhado, viraram fitas coloridas soltas ao vento, ou no adorno da barra da saia de sete cores que também assina aqui.

Nós somos, sempre, e incansavelmente, o outro do outro.

Agradeço à coragem das filhas das mães que vivem em cada narrativa atravessada pela violência de uma sociedade que cala e abafa, mas agradeço também pelas histórias nunca contadas, porque é dentro delas que regenera a chama viva de mulheres que são eternizadas na literatura e no espelho.

Agradeço às mulheres da minha família, a de alma e a de sangue, agradeço a mãe Maria, Nossa Senhora, e a todas as Marias que a sucederam como luz de esperança e força, conosco de maneira atemporal.

Agradeço a todos os amores, porque a presença de cada um, idos ou não, potencializou a confiança no meu tecer de palavras, que nem mesmo as Moiras poderiam prever sem que eu tivesse recebido tanta ajuda.

RESUMO

A presente dissertação estabelece como objetivo investigar a obra *O ciclo das águas* (2002) de Moacyr Scliar, publicada pela primeira vez em 1975. Aqui, a ênfase da análise é voltada para o estudo da construção da identidade cultural a partir da protagonista Esther, uma mulher judia que foi vítima de tráfico sexual no século XX, na década de setenta. Este estudo busca compreender, de maneira aprofundada, as simbologias presentes na narrativa, os personagens, os aspectos temáticos que sustentam a construção de sentidos e, principalmente, a influência social que construiu a figura de Esther emigrante. Por conseguinte, a abordagem metodológica adotada fundamenta-se em uma Análise Narrativa, em torno da obra e dos elementos que a compõem, amparados no referencial bibliográfico. Entre os principais aportes teóricos utilizados nesta pesquisa, destacam-se Stuart Hall (2006), Berta Waldman (2002) e Lunara Calixto (2021) entre outros. Os resultados evidenciam que a obra de Scliar é atemporal não só na denúncia do tráfico de mulheres no século XX, bem como nos atravessamentos socioculturais que constroem a identidade da imigrante em situação de prostituição.

Palavras-chaves: prostituição; literaturas migrantes; judaísmo; identidade; Moacyr Scliar.

ABSTRACT

This thesis examines Moacyr Scliar's *O ciclo das águas* (2002), originally published in 1975, with a focus on the construction of cultural identity through the character of Esther, a Jewish woman who became a victim of sexual trafficking in the 20th century. The study explores the symbolic dimensions of the narrative, the characterization, the thematic elements that sustain the construction of meaning, and, above all, the social forces that shaped Esther's experience as an emigrant. The methodological approach is based on Narrative Analysis, considering both the work itself and its constituent elements, supported by bibliographic references. The theoretical framework draws on authors such as Stuart Hall (2006), Berta Waldman (2002), and Calixto (2021), among others. The findings demonstrate that Scliar's novel is timeless, not only in its denunciation of the trafficking of women in the 20th century, but also in its representation of the sociocultural intersections that shape the identity of immigrant women in contexts of prostitution.

Keywords: prostitution; migrant literature; Judaism; identity; Moacyr Scliar.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 1

1 VIDAS ATRAVESSADAS: AS MARCAS DA PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA E NO COTIDIANO 10

1.1 Moacyr Scliar: uma breve contextualização do autor 10

1.2 Profissão mais antiga do mundo: as impuras e a misericórdia, de Maria Madalena à Esther 12

1.3 A máscara da prostituição: dia e noite de trabalho 16

1.4 Prostitutas polacas e o estigma das palavras 18

2 A IDENTIDADE CULTURAL E SUAS REPRESENTAÇÕES EM *O CICLO DAS ÁGUAS* 25

2.1 Pelas águas do mundo: identidades culturais fragmentadas 27

2.2 Marcos, o filho da outra: a mãe prostituta no caminho entre literaturas até O ciclo das águas (2002) 30

2.3 Esther e a pequena sereia 36

CONSIDERAÇÕES FINAIS 41

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 43

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No mundo da literatura pode-se dizer, parafraseando a banda gaúcha *Nenhum de Nós*, que todas as histórias são reais, apenas os seres é que são imaginários. Estamos nos livros representados pela fluidez das personagens que encenam a vida real toda vez que surge a morte como elemento de certeza de nossas existências ou o nascimento, de algo ou de alguma coisa. No que tange à justificativa pessoal, durante toda a minha formação acadêmica, graduação e uma especialização concluída em Mídia e Educação, eu quis aprofundar a pesquisa, no que aqui pretendo decifrar quanto à identidade cultural e as questões de transculturação da imigrante judia, a entender-se transculturação, segundo Fernando Ortiz, como um processo de junção e transformação cultural em que duas ou mais culturas interagem e disso resulta a criação de uma nova cultura ou a adaptação e a releitura mútua dos elementos da primeira. Contudo, essas temáticas são também fortemente motivadas pela minha origem judaico-alemã, pela minha experiência como migrante dentro do meu país, quando morei em três Estados diferentes a fim de perceber as questões culturais com uma perspectiva antropológica.

Nesse sentido da vida, surge entre as narrativas a água, elemento tangível e laboral, que contorna os ciclos levando em navios que nem sempre aportam chegados com a correnteza, àqueles que são trazidos pelo destino ou por necessidade, ainda que estes, andarilhos do não acaso, nem sempre contem com a égide da justiça. Mas seja pelo propósito ou pela direção, todos chegam ou são levados aos seus ciclos das águas do mundo. Inúmeras vezes, compartilhando um mar de muitos é que percebemos o verdadeiro destino, tal como sucedeu à Esther Markowitz:

> Em *O ciclo das águas*, há uma irreversível trajetória de distanciamento da situação mítica original, pois Esther Markowitz morre simbolicamente nas águas salgadas para renascer como prostituta na América, onde se tornara a "francesa" Esther Marc, com identidade falsa, que acabará insana num asilo de velhos. (CÁNOVAS, 2011, p.14)

De tantos e de todas de si que cabem na sua atual versão, Esther revela um mar do velho e do novo, que é a sua identidade, um mar que atravessa as dimensões e sintoniza o tempo na distância que há entre uma memória e outra.

> Para onde vamos, Leiser? Para Porto Alegre, ele disse: uma cidadezinha no sul do Brasil. (...) Da amurada do barco viu a cidade de Porto Alegre; pareceu-lhe pequena, de fato, mas simpática. (...) O navio atracava. O ano era 1929. (SCLIAR, 2002, p.35)

Outros tantos de nós que estamos e que vivemos assim como gostaríamos de ser, percebemos na representação da personagem, coragem às condições adversas pela concepção da vida e da formação identitária, ainda assim, resistência. De modo que nessa trajetória complexa que foi a de Esther, toda a sabedoria e champanhe necessárias para superar a tragédia da vida, são exploradas em abundância por essa mulher imigrante traficada e sozinha na América Latina. A palavra tem um tempo de maturação, nós temos outro. Enrolamos o laço que só nós sabemos apertar quando se trata de nossas identificações. Ecoamos quem somos, quem éramos e quem temos sido. E assim, diante da perspectiva de valores narrativos em cada obra que espelha a subjetividade da nossa construção identitária multifacetada, essas histórias constroem quem somos por aquilo que lemos. Escrevo, inclusive, no embalo de um texto mais flutuante e que destoa do tradicional formato de dissertação de mestrado acadêmico, porque aqui pretendo ter como leitores, pessoas que não sejam necessariamente profissionais da área. Antes, interessados em compreender também como é e como sucede a nós o espaço de formação identitária a partir de obras literárias que espelham a vida como ela é. Sendo assim, este texto pretende alcançar aos mais variados leitores que tenham interesse no assunto, sem a necessidade de uma adaptação posterior ou espécie de tradução para uma linguagem popular. Este é um texto de análise, reflexão e percepção e assim deve ser mantido a fim de que seja lido e compartilhado aos olhos de quem o desejar ler.

Nesse sentido, escrever supõe produzir intensidades que não são localizadas na superfície da leitura, pois é preciso sublinhar as entrelinhas, narrando e direcionando o leitor para a história de maneira a dispor-lhe o pertencimento sobre o que é lido. A narrativa aqui abordada traz discussões acerca da identidade judaica que Esther herdara e fortalecera através de memórias, contrastando ao fato de ter que permitir em si a coexistência de duas culturas quando passa a morar na capital gaúcha e torna-se prostituta. Moacyr Scliar, publicou pela primeira vez em 1975, e usou como inspiração a problemática do tráfico de mulheres judias trazidas para a América, no período que correspondia a meados do século XX.

> *(O Ciclo das Águas)*, romance de Moacyr Scliar publicado em 1975, tem como pano de fundo a experiência da imigração judaica no Brasil, circunscrevendo um episódio histórico preciso: o tráfico de prostitutas ocorrido na década de 30, em que se situa a ação. (WALDMAN, 2011, p. 37).

Essas mulheres eram submetidas a circunstâncias que as obrigava a ser escravas sexuais na Zwi Migdal, uma rede internacional de prostituição. Conhecidas como “polacas”, termo que ficou estigmatizado até a atualidade, pejorativamente associado a mulheres brancas estrangeiras e prostitutas, que enfrentaram grandes desafios de sobrevivência no Brasil.

> No caso da Zwi Migdal, que em seu auge durante as décadas de 1910 e 1920 do século XX chegou a ter mais de trinta mil mulheres prostituídas trabalhando em sua rede de bordeis e casas noturnas só na Argentina, a Associação foi fundada já com alcance internacional, partindo da Europa Central e do Leste para ramificações nos Estados Unidos, na Argentina, na África do Sul e outros países, tendo como objetivo primordial a retirada de jovens meninas de localidades pobres onde viviam populações judaicas menos favorecidas economicamente (especialmente poloneses) a fim de explorá-las sexualmente nas Américas, em uma rota que incluía cidades dos Estados Unidos, da Argentina e do Brasil. (FROES, 2017,p.03)

Assim Moacyr Scliar trata do contexto de deslocamento que o acompanhava no seio judaico em que nascera, sendo ele filho de pais imigrantes, e de uma mãe professora que o batizou Moacyr pela herança literária de José de Alencar. O autor, herdeiro de histórias protagonizadas por filhos de terras estrangeiras, tinha como principal temática de escrita a tradição judaica, tratando da condição do sujeito estrangeiro na nova terra, parte e peça-chave de culturas que coexistem. Desse modo, pôde Moacyr registrar histórias e estórias de judeus imigrantes, ligados por uma cultura híbrida (ou por uma mesma saudade) em solo brasileiro.

Pensando por esse viés, a justificativa desta pesquisa ampara-se na necessidade latente de perceber através da narrativa literária com elementos de memória, a identificação para a construção da identidade cultural. Isso será possível com a tentativa minuciosa de analisar a escrita de um dos sujeitos mais criativos da literatura brasileira, baseando-se em sua obra *O ciclo das águas* (2002). É por este caminho que pretendo analisar os enlaces dessa narrativa atemporal que é *O ciclo das águas,* de cuja construção constam aflições e conformidades de uma imigrante compulsória, trazida pelo destino e destinada, assim, a uma vida jamais imaginada por ela no interior da Polônia onde vivia com a família até se casar com Mêndele, o precursor de suas mazelas. Questões que voltam a atormentá-la a partir do nascimento do filho Marcos, que apesar de circuncidado, não segue as tradições da origem da mãe. Essa obra é escrita de maneira não cronológica e conta com três narradores, sobretudo, conforme destaca Berta Waldman:

> Não é aleatório o uso dos parênteses presentes no título do romance e dos capítulos, nem é aleatório o fato que seu fim seja também seu recomeço, pois é pelo título que o romance termina, iconizando na forma o moto-perpétuo representado tematicamente pelo ciclo das águas (WALDMAN, 2011, p. 37)

A narrativa fictícia, no entanto, é inspirada em um problema real e, conforme o próprio Moacyr dissera certa vez, Esther foi uma mulher real. A história foi escrita após uma paciente do médico escritor, idosa e senil, moradora de uma casa de repouso, relatar que em sua juventude havia sido prostituta e dona de bordel em Porto Alegre:

> A personagem principal de *O ciclo das águas* foi inspirada na figura de uma velha prostituta judia, já falecida, a quem atendi como médico. O que mais me impressionava nesta mulher era a sua capacidade de sedução, em flagrante com sua deterioração física e mental (SCLIAR, 1985, p. 101).

Contudo, a História da Literatura, construída pelos contadores da história que pretendem selecionar as principais obras e autores, nem sempre dá conta de contemplar essa perspectiva farta das construções identitárias culturais dadas também por este campo de estudo. Sendo, portanto, necessário esclarecer por que a literatura tem papel fundamental em nossa formação identitária cultural. As narrativas são contadas a partir de textos orais, escritos, visuais, entre outras tantas formas. Essas histórias, no ciclo de quem as ouve, de quem as vive as suas e as outras histórias, são gatilhos para o despertar às perspectivas talvez nunca alcançadas. Conforme afirma Stuart Hall em *Cultura e Representação*, significar é um processo pelo qual todos somos submetidos, mas que é importante em relação a isso, que não há uma só possibilidade de interpretação na composição das identidades, já que “O significado ‘flutua’. Não há como mantê-lo fixo. Acontece que a tentativa de ‘fixação’ é o trabalho de uma prática representacional que intervém nos vários significados potenciais da imagem e tenta privilegiar um deles” (HALL, 1972, p.143).

Assim, essa é a porta para o desenvolvimento da pesquisa que se concretiza, sobretudo, a partir de obras críticas que exploram a temática e problematizam o que refere a condição da imigrante judia, a sua formação identitário cultural e o papel fundamental que isso implica na produção literária e contribui para este fragmento da história da literatura brasileira. Além disso, parto também de outras pesquisas que já foram feitas sobre *O ciclo das águas* e que me inspiraram quanto a algumas leituras pertinentes da obra e de sua construção narrativa por Moacyr Scliar. Sendo assim,

duas dessas leituras são “O ciclo das águas de Moacyr Scliar à luz da hermenêutica simbólica*”* (SILVA, 2011) e *“*Guerra e prostituição em *O ciclo das águas de* Moacyr Scliar*”* (CALIXTO, 2021).

O artigo *Guerra e prostituição em O ciclo das águas, de Moacyr Scliar* (CALIXTO, 2021) escrito por Lunara Abadia Gonçalves Calixto e publicado na Revista da USP, analisa o romance *O ciclo das águas*, construindo essa análise com foco na história de mulheres judias vítimas do tráfico sexual entre os séculos XIX e XX. No decorrer da escrita de Gonçalves Calixto, ela evidencia que Esther passa de vítima a agente do sistema, no papel de oprimido que sonha em ser o opressor, tornando-se uma prostituta famosa, depois uma cafetina, até chegar à velhice solitária e demente. O símbolo da sereia que acompanha a sua trajetória representa a sua identidade dividida entre a tradição judaica e o mundo da prostituição, entre a pureza e a transgressão. Considerações que este trabalho de dissertação também pretende analisar, principalmente sob a perspectiva da identidade cultural de Esther e o papel desse desenvolvimento no universo da prostituição, trazendo comparações temporais da figura ambivalente seduzida e sedutora da autonomia e dos prazeres, bem como da própria figura no espelho que ela se vê. Abadia ressalta a crítica irônica de Scliar nesta obra ao sistema de patriarcado e à exclusão religiosa e cultural da mulher judia em condição de prostituição. Além disso, salienta a autora, o papel de Esther como a mulher que tenta reinventar seu destino em um mundo que a objetifica, representações atemporais que ainda são um registro na prostituição da atualidade.

Já em *O ciclo das águas, de Moacyr Scliar, à luz da hermenêutica simbólica* (SILVA, 2011), Maria José da Silva faz uma leitura do romance de Scliar a partir dos fundamentos da hermenêutica simbólica, usando como referências de base teóricas autores como Paul Ricoeur, Carl Gustav Jung e Gilbert Durand. A pesquisadora vai além da denúncia do tráfico de mulheres judias, assunto que em vários trabalhos sobre a obra já é muito abordado. Dessa vez, a pesquisa dá-se em torno dos símbolos de significação que formam a jornada da protagonista. Dessa forma, a pesquisadora explora já a partir do título do romance, construindo uma interpretação a respeito do significado de *ciclo das águas*, conduzindo o leitor a perceber o símbolo da água como um arquétipo da transformação e do inconsciente. Pensa-se então a água e as suas tantas formas, seus estados naturais e seus fluxos, espelhando a trajetória existencial da personagem, que vai da inocência à

prostituição, da dor ao prazer, da submissão ao poder, tais como a água que passa de seu estado líquido ao gasoso ou ao gelo. No ciclo apresentado por Moacyr Scliar, então, a autora da análise entende a protagonista não apenas como sobrevivente, mas como alguém capaz de se reconstruir, ainda que de forma fragmentada ou avessa a alguns de seus primeiros impulsos.

Entre os elementos simbólicos destacados no estudo, está a estátua da Pequena Sereia, que acompanha Esther e serve como espelho de sua identidade em processo. A sereia, um ser mitológico híbrido, corporifica o paradoxo feminino vivenciado por Esther: ora desejada, ora rejeitada; ora santa, ora impura. Maria José da Silva interpreta esse símbolo como expressão da ambiguidade feminina e do conflito entre tradição e desejo, considerando este um dos eixos centrais da narrativa.

Além disso, outro aspecto bem apresentado pela autora do artigo é quanto à análise de Esther. Cada etapa da personagem é um ciclo, o casamento fraudulento, a viagem para a América, a descoberta da prostituição, a ascensão como caftina e a decadência na velhice. Tudo isso é visto como o movimento da identidade de Esther, um movimento interno de transformação e aquisição dos fractais da figura de Esther. Desse modo, mais que uma história de dominação ou de uma jornada existencial com a plenitude de seus ciclos, pois os símbolos funcionam como guias de leitura para a complexidade psíquica da personagem, trata-se de uma estratégia muito interessante trabalhada com maestria por Moacyr Scliar e tão bem comentado por Maria. A autora do artigo também aponta para um aspecto interessante que se pretende também abordar aqui nesta dissertação, quanto ao transitar de Esther por um entre-lugar cultural e simbólico, sendo ao mesmo tempo judia e exilada, vítima e vilã, mãe e prostituta. A questão da hermenêutica simbólica, ao permitir a leitura desses paradoxos sem reduzi-los a simples dicotomias, revela a riqueza da obra de Scliar. Nessa perspectiva, o romance ultrapassa os limites do realismo e se aproxima da literatura simbólica e universal. O artigo aborda essas análises com muito embasamento teórico, caminho que pretendo inverter ao analisar a obra com alguma minúcia de leitura e outra de pesquisa, mas, acompanhando a estrutura de sua escrita, tornando uma abordagem acessível para além das teorias da história da literatura apenas. Maria José da Silva oferece uma contribuição muito relevante ao estudo da obra de Moacyr Scliar, ao observar uma nova luz sobre a narrativa atravessada pela dor e pelo sistema de uma sociedade que frequentemente falha

com as mulheres, mas também pela resistência e é nisso que essa dissertação pretende também seguir como base de estudo.

Como questão problema que embasa aqui a hipótese dessa dissertação, identifica-se a formação da identidade cultural construída em fragmentos do cotidiano, a entender-se aqui por mim, como necessariamente ligada às necessidades de pertencimento que temos e, frequentemente, não sabemos como tomar em proporções adequadas, não fosse o papel da literatura e das histórias que nos atravessam na contramão do destino.

Aqui pretende-se, como **objetivo geral**, analisar as percepções de Moacyr Scliar sobre a condição da imigração judaica em Porto Alegre e as trocas culturais na sociedade da capital gaúcha, principalmente na representação da mulher judia vítima de tráfico humano, representado pela personagem Esther, considerando as questões de transculturação para pensar, através do recurso da memória, o pertencimento sociocultural. Dessa forma, validando as entrevistas com Moacyr Scliar, em que ele refere à memória como um meio para se preservar traços identitários e vivenciar melhor o presente e um possível futuro. Além disso, como **objetivos específicos**, dar-se-á uma Análise Narrativa de *O ciclo das águas* a fim de perceber o atravessamento da literatura e do cotidiano no mundo da prostituição, como a profissão mais antiga do mundo, além de identificar a influência de tais aspectos na formação da identidade dessas mulheres, sobretudo a imigrante judia.

A literatura e a ludicidade, que lhe é uma marca indispensável, legitima discursos e identificações através da linguagem, dos cenários, dos enredos - mas, principalmente, das características das personagens e do poder que isso tem de funcionar como um espelho para o leitor. José Saramago dizia, após a publicação de sua obra *Levantado do chão* (1980), que todos nós precisamos pertencer a alguma coisa, e a proposta dessa pesquisa, portanto, enquadra-se na perspectiva do pertencimento, construída através dos caminhos dados, ou desenhados, pela produção literária. Quando se lê, se é transportado para o mundo do livro, para aquela determinada época do passado ou mesmo do futuro, quando tratamos de ficção. E essa possibilidade de viajar no tempo permite a transcendência do sujeito leitor - que, por mais simples ou breve que pareça a leitura, sempre carrega dela um fragmento em si.

Dessa forma, como fundamento metodológico, adotou-se a pesquisa qualitativa, tendo como principal recurso de embasamento a Análise Narrativa, que é

neste trabalho um caminho norteador e ancora-se em autores como Paul Ricoeur (1997), que discute a identidade narrativa e em aportes da hermenêutica simbólica,. Essa abordagem foi pensada a fim de compreender de forma mais aprofundada não só a estrutura formal do texto, mas também os sentidos que emergem da experiência narrada. Nesse sentido, a análise de *O ciclo das águas* com o uso dessa metodologia, encaminha a percepção do enredo, as personagens e os símbolos literários de Moacyr Scliar se articulam para dar forma a experiências coletivas e individuais de deslocamento, memória e identidade cultural.

A escolha dessa metodologia, então, justifica-se porque entende-se, na proposta deste trabalho, que a narrativa literária funciona como um espaço simbólico de representação, em que a história da personagem Esther não se reduz meramente a um percurso ficcional, porque representa as vivências de mulheres judias imigrantes submetidas ao tráfico sexual. Sendo assim, a análise narrativa da obra possibilita que possamos perceber os tais atravessamentos entre a literatura e a realidade histórica desse contexto, que traduzem processos de resistência, transformação e transculturação.

Além disso, esse tipo de análise também possibilita identificar os movimentos de continuidade e de ruptura no interior da narrativa, percebendo como o tempo, a memória e a identidade se reorganizam em cada ciclo vivido pela protagonista e pelas outras representadas por ela. Por assim dizer, a literatura não ocupa apenas o espaço de objeto estético, mas passa a ser compreendida como espaço de produção de sentidos culturais, sociais e históricos. A fim de ampliar os significados múltiplos presentes na obra de Scliar, permitindo que se compreenda a formação identitária de Esther não apenas como construção literária, mas também como reflexo de experiências históricas e culturais.

Visando ampliar a compreensão sobre pertencimento e identidade, vários autores foram usados. Com Homi Bhabha (2010) e Stuart Hall (2006), foi possível analisar sobre as principais coordenadas que geram a formação da identidade cultural no sujeito, especialmente sob o aspecto do sujeito imigrante, como princípio para compreender, de maneira mais analítica, partindo da ideia da ótica de uma identidade fragmentada. Discutir acerca das problemáticas ligadas ao processo de globalização, analisando a escrita diante da complexa configuração da existência é tarefa difícil, mas necessária para perceber, entre outras características da liquidez (invocando Bauman, 2001), que já é parte da fluidez dos dias: “Se sentimos que

temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'" (HALL, 2006, p. 13). Nesse sentido, vislumbro os múltiplos de nós que se manifestam no resgate ou no abandono dos fragmentos que deixamos ao longo do caminho, ciente de que, assim, formam a nossa persona. Somos feitos da matéria contida em narrativas de diferentes nacionalidades, mas precisamos enxergar e perceber a importância disso para compreender que consumir literatura é imprescindível para enxergarmo-nos no outro que nos representa pela narrativa, já que somos a literatura e estamos nela.

Aprofundar os conhecimentos sobre essas premissas esteve entre os primeiros passos da pesquisa empreendida para esta dissertação. De imediato, confirmei o quanto a literatura tem um papel fundamental e insubstituível na formação identitária de cada um de nós. Narrativas que se repetem, mudando a localização geográfica e as personagens, além do intervalo de um século ou mais, por histórias e memórias que são espelhos do cotidiano e, sobretudo, como elas existem e permanecem na condição de literaturas fundamentais em nossa "mesa de cabeceira". Para tanto, entendo ser necessário considerar o âmbito da identidade e da cultura, problematizando definições. Uma das contribuições nesse sentido veio da leitura de Homi Bhabha (2010) sobre a distinção entre diferença e diversidade cultural "A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo de enunciação da cultura como 'conhecível', legítimo, adequado a sistemas de identificação cultural" (BHABHA, 2010, p. 63).

A respeito dos conhecimentos sobre identidade, sempre considero necessário retomar o conceito de que não convém entendê-la como um dado prévio, e sim algo (re)construído frequentemente, formado por diversas identificações que se interpenetram. Essa premissa, defendida por Stuart Hall, "não é algo inato, existente na consciência desde o nascimento. (...) Está sempre em processo, sempre sendo formada" (HALL, 2006, p. 38). Alfredo Bosi, teórico e historiador da literatura, se soma a esse entendimento, afirmando que a cultura está ligada à experiência:

> Só existe cultura, realmente, quando vivemos estas determinadas experiências, quando nosso cotidiano é pensado. Então cultura, de uma maneira genérica, seria a experiência pensada, a vida pensada. Tudo aquilo que fazemos de maneira espontânea, por herança biológica ou por fatalidade social e que não é objeto da nossa reflexão, fica aquém da cultura (BOSI, 1998, p. 15).

Além disso, ilumina todo este aparato teórico o antropólogo, Fernando Ortiz, quando nos ajuda a perceber o fenômeno da transculturação, que em um primeiro momento, entendemos como a prática de deslocamento cultural. O neologismo cunhado por ele, no entanto, surge para que possamos pensar de maneira mais exata sobre o que é costumeiramente chamado de aculturação. Sendo assim, todos os processos para a evolução histórica dos povos pressupõem interferências culturais de acordo com os fenômenos conhecidos como desculturação, aculturação, endoculturação e exculturação, que são processos de atravessamentos culturais que formam as sociedades contemporâneas. O termo transculturação é o que melhor define todos esses processos, quando têm-se a perda da cultura anterior, a apropriação de novas culturas e, como explica Lívia Reis, a criação de novos fenômenos culturais.

Além disso, investigar as narrativas e pesquisas já realizadas sobre imigração, como princípio para compreender de maneira mais analítica esse movimento feito pelos judeus em solo gaúcho, buscando atender a um dos primeiros caminhos de direcionamento da pesquisa. Posteriormente, a essência da obra escolhida é analisada para compreender um dos tantos vieses de Moacyr Scliar ao ler a vida do imigrante judeu em Porto Alegre. Assim sendo, trabalho também com fragmentos da literatura sobre estudos culturais, a fim de fortalecer o embasamento desta pesquisa em termos de elementos de memória, identidade e formação cultural.

1 VIDAS ATRAVESSADAS: AS MARCAS DA PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA E NO COTIDIANO

1.1 Moacyr Scliar: uma breve contextualização do autor

Moacyr Jaime Scliar, porto-alegrense de nascimento, mas judeu de filiação. Seus pais, imigrantes em busca de oportunidades no Brasil, eram oriundos da Bessarábia. O médico autor, nasceu em 23 de março de 1937, e foi batizado Moacyr pela herança literária de sua mãe, professora de formação. Em entrevista ao *Palavra de Escritor,* apresentado no canal do YouTube da editora gaúcha, L&PM, Scliar conta que ganhou uma máquina de escrever de seu pai quando criança. Porém, ele

conta de sua frustração, porque à época, ele queria uma bicicleta, sem saber a diferença que lhe faria na vida aquela máquina, que mais tarde, lhe faria enxergar como profissionalismo o ato de escrever, já que antes ele apenas escrevia à mão. “Eu olhei para aquela máquina e pensei, pais são assim, a gente pede uma bicicleta e eles trazem uma máquina de escrever.”(L&PM EDITORES, 2020), brinca o autor contando a narrativa de sua trajetória desde a infância, incentivado à leitura e a produção escrita pelos pais.

Moacyr viveu a sua infância no Bom Fim, o bairro porto-alegrense formado por judeus imigrantes que vinham para a capital gaúcha. Ainda no desenrolar de suas histórias, Scliar conta que estudou na Escola de Educação e Cultura, um educandário que era conhecido como Colégio Iídiche, mas depois foi transferido para a renomada escola Marista Rosário, onde terminou os estudos da escola básica. O autor graduou-se em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e foi no trabalho de sua área de especialização, saúde pública, que teve suas maiores inspirações literárias.

As marcas da vida de Scliar como médico, aparecem espelhadas em suas personagens de muitas de suas obras, inclusive em Marcos, filho de Esther de *O ciclo das águas* (2002). Dando seguimento aos estudos, Scliar foi doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública e era médico sanitarista no SUS, tornando-se professor da disciplina de medicina e comunidade do curso de medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) posteriormente. Marcos, o filho de Esther, formou-se em História Natural e depois coloca-se a analisar com seus alunos a água suja e turva do riacho, uma das cenas da obra *O ciclo das águas* (2002).

Scliar publicou mais de setenta e quatro livros, que foram traduzidos em cerca de doze idiomas. Ele escreveu em um dos períodos mais críticos da história brasileira, durante a ditadura militar, e usava de seus escritos, com maestria na arte de ser irônico e certeiro, para posicionar-se também contra a repressão vivida à época, como é o caso de *O carnaval dos animais* (1968) e *Max e os felinos* (1981). Suas obras eram baseadas em cenários da cidade de Porto Alegre, em questões de socialismo, de medicina, da vida de classe média e, claro, em histórias contadas e vivenciadas pelo autor, inclusive em relação à obra analisada nesta dissertação, *O ciclo das águas* , pois segundo o autor, a inspiração veio de uma de suas pacientes de uma casa de repouso, informação presente na obra *A condição judaica* (1985).

Em 2003 ele foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, o maior posto para um autor no país. Mas isso não ocorreu sem muita trajetória e outros prêmios, inclusive, como, por exemplo, o Jabuti (1988, 1993 e 2009), a Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) (1989) e o Casa de las Américas (1989). Entre as obras, os contos e os romances, os mais populares são*, A estranha nação de Rafael Mendes (1987), O exército de um homem só (1973) e O centauro no jardim (1980)*, incluído na lista dos 100 melhores livros de temática judaica dos últimos 200 anos, pesquisa realizada pelo *National Yiddish Book Center*, nos Estados Unidos, informações presente em *Os caminhos de ficção de Moacyr Scliar* (WALDMAN, 2012)

Segundo afirmou Scliar na mesma entrevista, Palavra de Escritor (2010), “se o escritor não tem prazer de escrever, o leitor não terá prazer de ler.” Com isso, toma rumo essa escrita que pretende, além de apresentar a interessante trajetória do autor, também os caminhos de suas obras atemporais e presente em diversas culturas, porque foram feitas de essência narrativa, e com a pretensão intensa de alcançar aos mais variados tipos de leitores, deste tempo, ou de outros.

Assim sendo, neste capítulo pretende-se construir um panorama dos estigmas e atravessamentos socioculturais da prostituição sob a ótica de profissão mais antiga do mundo, no item 1.3. Bem como, far-se-á também uma analogia quanto a necessidade de usar uma persona, quase como uma máscara, para o cotidiano da prostituição, apresentado no item 1.4. Além disso, no item 1.5 a abordagem é em relação às formas pejorativas de rejeição, através de palavras e outros elementos culturais, permanentemente mantidos em cenários diversos e por motivos compatíveis às realidades de cada época.

1.2 Profissão mais antiga do mundo: as impuras e a misericórdia, de Maria Madalena à Esther

“Quando a boca fala, o coração cala”, diz a metáfora que pode facilmente ser associada ao que faz o corpo em desarmonia com o desejo do coração, aquilo que realmente se quer segundo a sua essência de identidade. A profissão mais antiga do mundo é usada como eufemismo para fazer referência à prostituição e vem como um esteriótipo criado para justificar, muitas vezes, condicionamentos sociais à figura feminina que comercializa o sexo. A grande problemática a ser esclarecida é a culpabilidade estigmatizada das prostitutas para a existência da prostituição. Uma

referência dos tempos bíblicos, que atualmente ganha novas configurações diante da consciência coletiva acerca dos condicionamentos que inumeras vezes determinam a identidade sociocultural de uma mulher, o exemplo de Esther, personagem de Moacyr Scliar que é traficada de seu país de origem para o mercado da prostituição e a partir disso encara a nova vida em situação de sobrevivência e aceitação de seus caminhos. O que desencadeia uma problemática interessante sobre os julgamentos predispostos da prostituição na sociedade.

Quando se trata de situações de tráfico humano para a prostituição forçada, por exemplo, os canais midiáticos divulgam as notícias, mas pouco se fala sobre o que acontece a essas mulheres depois do resgate, quando elas já foram forçadas a vender seus corpos por determinado tempo. O prejuízo às suas identidades é gigantesco, e muitas vezes não tratado adequadamente por profissionais que cuidam da saúde mental, uma vez que essas mulheres são vítimas de uma realidade de vulnerabilidades extremas, inclusive financeira. Nessa perspectiva, a profissão mais antiga do mundo aparece como uma chaga da sociedade, a mesma sociedade que escraviza mulheres e depois as abandona à mercê da sorte e dos caminhos.

As narrativas literárias que contam a vida e as muitas vidas de uma personagem, com frequência contam o que é e o que deixou de ser pelas escolhas que a fizeram em suas particularidades. Algumas dessas narrativas inspiram outras, e com a própria potência da literatura, transformam a formação da identidade cultural de histórias não contadas. Nós somos as tecelãs e somos também as tesouras. A representatividade feminina na literatura, como uma literatura de cabeceira, é bastante ampla, mas quase nunca amplificada em suas diretrizes de ser um elemento norteador.

Maria Madalena é uma referência facilmente reconhecível, como uma das primeiras prostitutas da história, pois aparece em uma passagem bíblica, o Evangelho de Lucas, e é comumente citada como aquela que se arrependeu de sua vida promíscua e pecaminosa, seguiu os ensinamentos de Jesus que a perdoou e a fez digna da espiritualidade cristã.

> Citada nominalmente 17 vezes na Bíblia, Maria Madalena, ao que tudo indica, era uma entre tantas pessoas que se encantaram com as pregações de Jesus e passaram a segui-lo. A principal pista sobre sua origem está no nome: originalmente, Maria de Magdala, ou seja, nascida em Magdala, uma vila de pescadores próxima ao Mar da Galileia, localizada a 10 km de Cafarnaum, a cidade que foi a base de Jesus na vida adulta.

A partir do primeiro registro de Maria Madalena no livro sagrado, relato em que Jesus a encontra e expulsa dela sete demônios, muitas são as interpretações sobre quem foi essa mulher bíblica. Algumas lendas se formaram sobre Maria Madalena, mas em todas elas a culpa que recai sobre a figura feminina associada à prostituição são um registro inegável. Uma das literaturas mais acessadas e tidas como referência mundialmente, a bíblia exerce influência na formação da identidade de civilizações antigas à contemporaneidade, o que registra Maria Madalena à Esther, ambos nomes citados no texto canônico, como mulheres comuns que entrecruzam narrativas de maneira atemporal.

> Deixada meio de lado quando a Igreja Católica se tornou oficial do Império Romano - o que aconteceu no ano 380 -, Maria Madalena acabou relembrada de um jeito meio torto. Em uma tentativa de tentar convencer os fieis de que o arrependimento sincero bastaria para um perdão de Deus, o papa Gregório Magno (540-604) começou a propagar, em sermões, que algumas passagens da Bíblia se referindo a mulheres pecadoras - anônimas - estavam, na verdade, tratando de Madalena.

Contudo, essa referência de Madalena como uma pecadora perdoada, vem alimentando o imaginário de quem se identifica com o discurso bíblico punitivo e misericordioso. No entanto, ainda que o pecado seja perdoado, mulheres impuras não são dignas de pertencer aos mesmos espaços que as puras e isso se propaga, igualmente, ao longo dos registros históricos.

Em Scliar, Esther mantém a sua raiz judaica e tenta expandi-la ao filho Marcos, mas passa pelo crivo do preconceito vindo do *mohel* a quem ela procura para circuncidar o filho e, mais tarde, iniciá-lo na prática do judaísmo com o *bar-mitzvá "(...)*cerimônia judaica que marca a passagem de um garoto à vida adulta, aos 13 anos. A partir dessa idade, ele assume sua maioridade religiosa e passa a ter responsabilidades perante sua comunidade e suas tradições.". Tratada como uma impura, consequentemente o filho também não seria digno da cerimônia, mas Esther insiste como se aquela passagem fosse parte da salvação de Marcos. "Ah, isso não! - gritou o mohel indignado. O filho de uma impura! Nunca!" (SCLIAR, p.82, 2002).

Mas não era da natureza de Esther a conformidade, assim como não era a de Maria Madalena, que seguiu os passos de Jesus e pregou a palavra de Cristo como uma das únicas mulheres da época a fazê-lo. Esther chorou, ameaçou o *mohel* com um punhal e argumentou inclusive que seu pai também era mohel, mas não podia fazer a cerimônia pelo neto porque havia sido morto em um campo de concentração "Quem vai levar meu filho a sinagoga? O pai dele que não teve coragem de criá-lo?

O avô morreu num campo de concentração, velho! O avô era *mohel* como tu, e morreu, velho!" (SCLIAR, 2002, p.82). E então, em um ato de piedade tal como o Cristo ofereceu a Maria Madalena, ofereceu o *mohel* a Esther e a Marcos. "Está bem, suspirou o velho. Eu vou, eu levo o teu filho. Ele é gente. E tu também és gente." (SCLIAR, 2002, p.83).

A respeito dessa análise, a contribuição do ensaio de Berta Waldman, *Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX* é fundamental para uma análise crítica da representação de prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX, principalmente em relação ao entrecruzamento de imigração, erotismo e exclusão social. A autora trabalha em seu texto momentos históricos que recorrem à associação do corpo feminino estrangeiro ao imaginário do desejo e da transgressão, o que sucede a *Madame Pommery* (Hilário Tácito), o *O ciclo das águas* (Moacyr Scliar) e o conto *O mistério da prostituta japonesa* (Valêncio Xavier).

Esther, na análise de Waldman, passa pelo crivo do duplo moralismo, social e religioso, que marca a vida das mulheres consideradas transgressoras. Waldman observa como a figura da prostituta estrangeira — particularmente a "polaca", identificada como judia do Leste da europa — emerge na literatura como representação ambígua: ao mesmo tempo marginalizada e fetichizada, ela simboliza a modernidade, o exotismo e a desordem do que se deseja como um imaginário coletivo. Nos dilemas da alteridade, da diáspora e do feminino, a condenação pelo profano que Esther representa. A personagem, segundo Berta Waldman, é marcada pela violência e pela exclusão, transita da condição de vítima à de agente do sistema, reproduzindo e tensionando as estruturas que a subjugam. A narrativa, portanto, como aponta Waldman, opera numa estrutura cíclica que é fragmentada, reforçando formalmente o tema da circularidade da vida e do desejo. A linguagem metalinguística e os deslocamentos narrativos marcam uma crítica à linearidade e à rigidez dos discursos normativos sobre o feminino e o estrangeiro.

Ao comparar *O ciclo das águas* com Madame Pommery (1920), Waldman traça um panorama da transformação das imagens da prostituta na literatura: da figura cínica e empresária da Belle Époque à mulher atravessada pela dor e pelas contradições da experiência migratória. Já no conto de Valêncio Xavier, observa-se o esvaziamento simbólico e a mecanização do desejo: a prostituta japonesa é envolta em silêncio e opacidade, funcionando como signo de um erotismo automatizado e

alienado na contemporaneidade. Waldman conclui que, embora distintas em seus contextos e propostas, essas obras revelam como a figura da prostituta estrangeira se configura como lugar de projeção de fantasias coloniais, raciais e patriarcais. Ao mesmo tempo, sua presença na literatura expõe tensões profundas da sociedade brasileira moderna, onde o corpo feminino é simultaneamente mercadoria, enigma e resistência.

Para além disso, a história da literatura traz José de Alencar com Lucíola, que nada tinha a ver com Esther na motivação da escolha da profissão, mas que em tudo se encaixa quando identificamos uma jovem bonita e à margem de um espaço ocupado pelo desprestígio de uma sociedade carregada de conceitos e considerações hipócritas.

> No auge do Romantismo brasileiro que o escritor José de Alencar escandaliza o público leitor de romances - formado essencialmente por mulheres e jovens estudantes das classes abastadas - quando apresenta sua cortesã a jovem e bela Lúcia, protagonista da obra Lucíola, empurrada para a prostituição por problemas familiares e financeiros. (MOREIRA, 2007,p.7)

E então o que deveria ferir, enraizou. José de Alencar, um dos maiores nomes da literatura brasileira, é lido em *Lucíola* na atualidade, uma obra datada de 1862 e que tanto representa na verossimilhança da crueldade e da punição que essas mulheres recebem por usarem a máscara de si mesmas. A historiografia literária constrói um campo de obras que devem ser lembradas e as condensa em sinfonias finas de canções que agradam até os desafinados. Prostitutas históricas, de Maria Madalena à Esther, quando analisadas com a representatividade, cada uma à sua época e necessidade de representar, ajudam-nos a construir o panorama de uma diacronia cruel, mas realista e necessária.

1.3 A máscara da prostituição: dia e noite de trabalho

Todo o contexto de uma vida em situação de prostituição, segundo, Berta Waldman “registra não só as prostitutas, mas a farsa de todas se apresentarem como francesas ou polacas, as mais bem cotadas na época.” (WALDMAN, 2003, p.173) A máscara da prostituição, portanto, se adequa a cada período temporal, mas sempre coexistente às condições de origem da profissão: uma necessidade de adequação e demanda de mercado, tal como um produto de fato. Deixando o

passado de polaca para trás, Esther abandona o seu sobrenome original, Markowitz, para ser a francesa Esther Marc:

> Sou francesa, dizia aos clientes mais curiosos. Esther Marc era agora o seu nome, não mais Esther Markowitz. Um advogado lhe providenciara novos papéis. Vestia-se bem: longos vestidos escuros, joias. Um cabeleireiro vinha penteá-la todos os dias. Entre seus clientes estavam figuras de projeção: o deputado Deoclécio, filho do fazendeiro Mathias, vinha todas as sextas-feiras. Visitantes de outros Estados eram encaminhados à Casa. (SCLIAR, 2002, p. 92)

Na contemporaneidade, não pode deixar de ser mencionada em relação ao período de pandemia da COVID-19 que teve o maior número de vítimas registradas em 2020, quando ainda não havia um tratamento desenvolvido pela ciência. Diante desse devastador momento pelo qual o mundo passou, muitas pessoas pararam de trabalhar ou adotaram o estilo de trabalho em *home office,* o que não funcionou da mesma forma para as profissionais do sexo. “Dentro da bolsa, camisinha, lubrificante, máscara e álcool em gel. Dentro da carteira, quase nada.” relata uma prostituta entrevistada pelo *Hub Jornalismo ESPM*, em 2021. Ocorre que a máscara que antes tinha a conotação subjetiva apenas, ganhou forma física e foi suporte de trabalho para essas mulheres que vivem da “vida fácil”, que nada tem de facilidade, sobretudo no cenário desesperador que foi o do vírus letal que assolou a comunidade global. A entrevistada ainda ressaltou que, “Independente do trabalho sexual, nós também somos mulheres, somos mães. Quando a pandemia chegou, nos perguntamos: quem vai nos ajudar?”, uma vez que a profissão mais antiga do mundo não é regulamentada pelas leis trabalhistas brasileiras.

Nesse contexto, dia após dia e noite após noite, a prostituição historicamente é caracterizada com a máscara que faz dessas mulheres, duas, três, ou múltiplas de si. Mas em circunstância de extrema degradação da dignidade humana, os costumes e a cultura da contemporaneidade têm sua parcela de culpa, pois como apresenta Ariágda Moreira, em seu artigo “O espaço da prostituição na literatura brasileira do século XX” (MOREIRA, 2007), na antiguidade Grega havia as prostitutas sagradas, que nada tinham da máscara profana que lhes é atribuída hoje:

> Naquele tempo, para que uma mulher fosse eleita prostituta sagrada, ela tinha que ser dotada de especiais características espirituais e físicas. Segundo Qualls-Corbett, isso significa dizer que era uma mulher "virgem, boa, alta e exoticamente bela" (Id., ibid.), a representante humana das deusas. Uma espécie de "sacerdotisa sensual" que, através do sexo, promovia a ligação das deusas da fertilidade e do amor com os seres humanos, integrando, no plano físico do sexo, os dois polos separados cosmicamente. Após a Era Cristã, a faceta sagrada, o lado positivo do

> ofício, foi se perdendo cada vez mais e na modernidade o próprio nome representa um paradoxo. (MOREIRA, 2007,p.3)

Essa contribuição serve para que possamos refletir o contexto em que Esther, uma prostituta no século XX estava inserida e a quais máscaras era submetida. Uma vez que essa visão sociocultural das prostitutas já nada tinha de sagrado, a subserviência de uma vida de riscos, inclusive à própria saúde, é uma realidade contínua. Sendo assim, com Esther temos a notícia de uma mulher que vivia as máscaras em sua plenitude, como aquela que sabe ser todas as que precisam existir nos diferentes momentos de desafio encontrados na existência. A imigrante judia, condicionada à prostituição no princípio, representava as mulheres reais daquele mesmo condicionamento de existência. Para Esther, viver mulher, mãe, empresária, prostituta, viúva, foi a saída da nova etapa de construção de identidade. Depois de já ter chegado a Porto Alegre, Esther atende o filho de um fazendeiro a fim de iniciá-lo na vida sexual, é Rafael. Porém, Rafael e Esther se apaixonam e vivem um romance paralelo ao trabalho diário de Esther.

Neste entremeio, a temida sífilis é citada, risco da profissão, bem como o descaso de ações de prevenção e cuidado que essas mulheres sempre vivenciaram. “Enquanto ela dormia, perseguida pelos fantasmas da aldeia, ele examinava, testa franzida, o olhinho que lhe tinha surgido na cabeça do pênis - olhinho choroso, melancólico; mas debochado? Temia a sífilis.” (SCLIAR, 2002, p. 50). O que fica evidente é que Esther passou a doença para Rafael, pois sua máscara de mulher apaixonada, não lhe impediu de ser a máscara da prostituta que não recebia cuidados de saúde adequados e por isso era passível às doenças da profissão. Ela passa mal, ele passa mal, a família a culpa e Rafael é afastado dela. “Chamam o médico que recomenda severa abstinência sexual e prescreve injeções de bismuto. Do esperma a impura se apossou. Guardou-o dentro de si (que fique com ele! - a família indignada)”(SCLIAR, 2002, p. 57).

Outra máscara está prestes a se revelar, Esther vai ao médico e confirma a gravidez de seu filho Marcos e o desejo de maternar, tanto quanto foi o de sobreviver, a transforma. “(...) sim, a senhora está grávida. E acrescenta: mas eu não tiro. Quem disse que eu quero tirar? – grita Esther, no seu português arrevesado. Pensa que eu sou uma vagabunda qualquer?”(SCLIAR, 2002, p. 60). A máscara de Esther prostituta é avessa aos hábitos corriqueiros da profissão, mulheres que precisam ou que querem abortar seus filhos. Ela faz questão de parar

de trabalhar em seu terceiro mês de gestação e dedicar-se inteiramente à vida que gesta. A máscara da mulher, permanente ante as outras, transforma Esther, que se permite ser adaptável às mudanças do cotidiano e perceber a sua própria existência permeada em sonhos e realidades que, se não a favorecem, ela muda.

Refletir essas questões fictícias ou documentais ajuda a construir o conceito de identidade, que é dado pelo conjunto de narrativas, e ter na memória a base de informações dessas narrativas. Que ora é feita de testemunho, ora é feita pelos gatilhos. Desse modo, cada singularidade é plural dentro dos remendos da memória, do tecer de novas organizações de acordo com a sucessão dos acontecimentos. “A ação da lembrança age como um fio que costura o ontem ao hoje, tornando tudo parte de uma só coisa” (FERNANDES, 2012. p. 87). Os fios que constroem as possibilidades de transmutação, são feitos a partir de histórias contadas e recontadas que transformam cenários inteiros e permitem que possamos compreender as motivações das máscaras da personalidade de cada um de nós, ante as adequações necessárias à sobrevivência, tal como podemos reparar em Esther e seus ciclos de imigrante judia.

1.4 Prostitutas polacas e o estigma das palavras

Todas as mulheres são dimensões avessas a tudo aquilo que navega na superfície comum. Mas quais seriam então as decadentes motivações que nos fariam olhar umas às outras como desiguais? Sempre que uma definição está em nosso imaginário, é comum que não pensemos de onde ela vem ou como foi a primeira imagem que criamos sobre determinada situação. O fato é que sempre somos atropelados pelas nossas crenças e pelo conhecimento injetado por nossa herança familiar e social. “Mêndele! Mêndele! Desce a colina aos pulos, ágil como um animalzinho - tem dezessete anos” (SCLIAR, 2002, p.12). Dezessete anos, era a idade da primeira Esther, em sua máscara de menina filha do mohel da pequena aldeia da Polônia. E com essa imagem de vitalidade e inocência, Esther recebe o seu futuro predestinado, a máscara da prostituição.

> No caso judaico, tenha-se ou não vivido as experiências de perseguição, pobreza, pogroms, elas são transmitidas pelas famílias, pelas pessoas que as experimentaram; são recordadas sistematicamente por meio de eventos comunitários. São fios que se entrelaçam e se estendem, dando origem a relações sociais a partir das quais os judeus constroem sua comunidade no Brasil e, provavelmente, em todos os lugares onde se fixaram. (BLAY, 2002, p.02)

A palavra "polaca" tornou-se associada à prostituição no Brasil graças a um contexto histórico específico ligado à imigração judaica no final do século XIX e início do século XX. Segundo Fania Fridman (2007), durante esse período, muitas jovens judias da Europa Oriental, de países como Polônia, Ucrânia e Rússia, foram enganadas por traficantes de pessoas (conhecidos como "cafetões" ou "caftens"), que as atraíam com promessas de casamento ou trabalho digno no Brasil. “Ele saúda-a. A voz é incolor, o sorriso triste. Ela recua, confusa. Esperava (embora a mãe recomendasse recato) mais: um abraço, talvez um beijo. (...) Um fantasma pálido, empoeirado - silencioso. Assim é Mêndele voltando” (SCLIAR, 2002, p.12). Assim é descrito o sujeito quando chega à pequena vila já com o propósito de aliciar Esther. Ele é descrito como uma figura apática, talvez doente, o que sugere uma interpretação inclusive de que já não tinha mais nada a perder, e vender Esther para a prostituição poderia ser seu último ato da peça.

Em tais cenários, essas mulheres marginalizadas eram forçadas a se prostituir em condições extremamente precárias. Em sua maioria, judias, e assim passaram a ser chamadas de "polacas". O termo "polaca", no entanto, continua sendo associado à prostituição, refletindo o estigma social que essas mulheres enfrentaram. Elas, apesar das circunstâncias difíceis, formaram comunidades unidas e coesas em cidades como Porto Alegre, onde criaram suas próprias organizações e sociedades de ajuda mútua. Algumas delas se organizaram em sociedades chamadas de "sociedades de socorro mútuo" para oferecer assistência a outras mulheres na mesma situação, inclusive criando cemitérios próprios, já que eram marginalizadas tanto pela sociedade em geral quanto pelas comunidades judaicas estabelecidas, que muitas vezes as rejeitavam por causa do estigma da prostituição, é o que afirma Fróes (2017):

> Por sua vez ABFRI (A Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita) do Rio de Janeiro foi fundada por mulheres que eram vítimas dessa rede de exploração e tráfico de pessoas, as quais buscavam preservar seus ritos religiosos, garantir amparo umas às outras em caso de doença e quando da velhice, além de prestar assistência aos seus familiares. (FROES, 2017, p.03)

Essas mulheres enfrentaram uma dupla marginalização caracterizada pela sua origem estrangeira e por estarem associadas à prostituição. Muitas vezes, elas eram vistas com desprezo tanto pela sociedade brasileira quanto pela comunidade judaica local, que as via como uma mancha na imagem dos imigrantes judeus.

> Com a comunidade judaica Esther não tem nenhum contato. Recusam-na. (...) Uma vez ela foi ao cinema Baltimore. Quer assistir a um filme iídiche: *Uma carta da Mamãe. (...)* Chega cedo; mas já uma pequena e barulhenta multidão comprime-se diante da bilheteria. Quando ela se aproxima, faz-se silêncio; à sua passagem, afastam-se. Ela vê uma senhora gorda cuspir no chão. Vê uma senhora nervosa murmurar qualquer coisa no ouvido do marido. (SCLIAR, 2002, p.43)

Com o tempo, a história das polacas foi em grande parte esquecida ou ignorada, sendo redescoberta e revalorizada apenas recentemente, em estudos históricos e literários que procuram lembrar dessas mulheres e reconhecer suas lutas e sofrimentos. Hoje, a história das polacas é identificada como um capítulo doloroso, mas fundamental, na história da imigração judaica e da formação da sociedade brasileira, especialmente no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, outro aspecto importante é em relação ao que conhecemos por identidade, já que essa questão passa pelo nosso nascimento, nossos gostos, insatisfações e até mesmo a forma como outras pessoas nos veem. “Somos o outro do outro”, disse José Saramago em sua obra belíssima *O homem duplicado* (2002), que problematiza o enigma de que sempre tendemos ao outro aquilo que nos afeta, permitindo ao outro, inúmeras vezes, usurpar o nosso espaço no mundo.

Uma prostituta, na contemporaneidade, ainda é vista como uma mulher menor, seja a prostituição uma escolha ou um condicionamento da vida, tal como sucedeu a Esther. Mulheres menores, o que remete ao título de um dos textos mais intrigantes de Clarice Lispector, *A menor mulher do mundo* (1960), que nada tem em comum com a história aqui analisada, exceto o diminutivo da mulher e a potência de gerar um outro ser em seu ventre. *Pequena* também é descrita a figura da sereia que acompanha Esther como uma marca de sua iniciação ao meretrício. Contudo, no perceber contemporâneo, no aqui e agora, recorremos às mais diferentes formas de encaixe na sociedade a que estamos inseridos. Por isso, e por tanto mais, a literatura continua sendo uma fonte que jorra características identitárias com as quais cada um de nós identifica e acrescenta à própria caminhada segundo seus interesses, desejos e anseios.

A personagem de Moacyr Scliar, é uma mulher complexa porque assume a máscara da prostituição para conseguir adequar-se a sua nova vida depois de emigrada no Brasil, trazida pelo tráfico humano e posta na prostituição. “Esther: bela, alegre, bem-vestida, a mais querida do bordel. (...) Queria chorar, e chorou; até de madrugada, quando adormeceu”. (SCLIAR, 2002, p.39-40)

As imigrantes polonesas, representadas em Esther, recebiam a condição de prostitutas pela vergonha do rumo de suas vidas, porque a ilusão do casamento era um trauma desmedido que lhes tirava qualquer possibilidade de reação. Esther não imaginava que sua lua de mel teria como destino um cabaré em Paris, mas quando lhe sucedeu, ela nada tinha a fazer além de observar e aceitar tudo como era. “O cabaré era um lugar enfumaçado e barulhento. Uma orquestra tocava alto. Mêndele conduziu Esther a uma mesa, apresentou-a a mulheres bem-vestidas e muito pintadas (...)”(SCLIAR, 2002, p.21). Esther observa aquelas mulheres e homens da vida boêmia e tem um misto de sensações, porque o espanto lhe é também uma curiosidade particular para aqueles risos frouxos e aura de festa. E nesse tecer de teia, a personagem que rememora vai descrevendo sua trajetória até a nova Esther que é moldada e emoldurada aos olhos dos clientes do bordel.

Ainda que tudo isso seja uma história fictícia baseada em uma mulher real, o autor em sua vivência cotidiana teve bagagem de conhecimento acerca do tráfico de mulheres judias no Brasil, seja na comunidade judaica ou na área da saúde onde ele trabalhava. Apesar de a comunidade judaica imigrante ser conhecida pela união e apoio entre os seus que chegavam ao país, isso não ocorria da mesma forma quando se tratava de mulheres prostitutas, que sequer podiam ser enterradas junto de suas famílias ou comunidades. “Prostitutas e rufiões constituíram um tipo de “irmandade” para garantir o ritual judaico do sepultamento, já que não lhes era permitido usar os cemitérios israelitas da comunidade”(BLAY, 2002, p.16).

Dessa forma, fica evidente que mesmo não aceito o meretrício pelas comunidades judaicas, essas mulheres mantinham o vínculo cultural com o judaísmo, conforme fizera Esther quando fez questão de circuncidar seu filho Marcos logo de seu nascimento. Essas mulheres, construíam sua identidade imigrante na prostituição com a bagagem judaica, que não deixavam nem depois de falecidas, conforme mostra a pesquisa de Eva Blay (BLAY, 2002):

> Prostitutas e rufiões se identificavam, não escondiam suas origens, nomes e sobrenomes, assim como identificavam suas famílias; as inscrições incluem filhos, parentes e até mesmo os nomes dos pais. Excluídos dos cemitérios judaicos da comunidade por suas atividades, buscaram solucionar a questão reafirmando a identidade judaica.

A cada passo de Esther na prostituição, ela revive as memórias do passado e transforma as impressões com o presente, são atravessamentos constantes que lhe servem de motivação para conquistar seu lugar de poder na prostituição, porque ela

entende que este é o único caminho que resta diante da tragédia que sucedeu sua decisão de partir. Seu casamento, a morte do marido, a nova terra, uma língua diferente, costumes diferentes e pessoas, assim como ela, estrangeiras e destinadas ao meretrício pelo tráfico humano. “As mulheres judias pobres da Europa Ocidental eram consideradas as mais vulneráveis para o mercado do meretrício.” (CALIXTO, 2021, p.15). Assim, na escrita de *O ciclo das águas (2002)*, a passagem que descreve a festa de casamento de Esther com Mêndele sugere um retrato de Esther, como o produto da prostituição que seria. “A última foto mostra-a sozinha, olhando para a câmera. Sorri. O homem que recebeu esta foto pelo correio também sorriu”(SCLIAR, 2002, p. 19).

A fronteira da memória é o acaso, que prevê o destino certo, mas sem tempo marcado. Na representação histórica que significa Esther, seguimos de mãos dadas na água corrente que é doce e que é salgada para aqueles que se permitem ao conhecimento. A respeito da prostituição como algo vulgar e marginalizado, são essas, as mulheres indefinidas que são lembradas nos contos literários. As gueixas na cultura oriental ou as meretrizes da corte, nos tempos da monarquia, essas mulheres sempre fizeram parte do imaginário da história da literatura, é bem verdade, mas o tráfico dessas mulheres como mercadoria é uma questão ainda a ser explorada. Não estamos descalços, no presente, no passado ou no futuro, nem andamos na contramão do que parece ser, somos agora menos dispersos apesar de acelerados, mas ainda frágeis aos dramas da realidade além da ficção.

No estado do Rio Grande do Sul, existem diferenças identificadas como marcas identitárias e entre elas está o polaco, que é diferente do polonês, mas ainda assim um estrangeiro.

> O polaco seria o polonês pobre e o gringo seria o italiano pobre. Os bugres seriam os índios e os brasileiros seriam aqueles que não têm sobrenome de italiano-gringo ou polaco-polonês. A metade sul foi colonizada basicamente por portugueses e de acordo com os olhos “loiros” da metade norte, na metade sul moram os brasileiros. Quem seriam esses brasileiros? Pessoas de pele morena, com sobrenomes Martins, Oliveira, Silva. Um contato entre esses dois espaços, que ficam no mesmo Estado, já nos revela que a diversidade está presente na comida, no falar, no vestir e nos valores e nas crenças. (MARTINS, 2005, p.1)

No sul brasileiro, as identidades se atravessam pela herança da colonização europeia e se despertam com vivacidade, toda vez que olhamos nos olhos da realidade em que vivemos. As mulheres polacas, mais ainda que os homens com as tais características físicas, carregam o estigma da prostituição ainda na contemporaneidade. No século XX, durante os períodos de grande imigração em

virtude das guerras na Europa, muitas mulheres eram trazidas pela rede de tráfico humano para os bordéis do Rio Grande do Sul, além de vários outros lugares. O fato é que aqui, em solo gaúcho, as mulheres “polacas”, eram preferência dos clientes das casas de prostituição e este foi um dos motivos da perpetuação de associar as mulheres polacas à prostituição.

No que diz respeito ao judaísmo, muitas mulheres de famílias judias eram renunciadas por suas famílias quando se tornavam prostitutas, já que no Torá, o livro religioso de referência para este povo diz:

> Não haverá mulheres destinadas à prostituição sagrada as filhas de Israel nem homens destinados à prostituição sagrada entre os filhos de Israel. Não levará para a casa do senhor, teu Deus, por um voto qualquer, o salário de uma prostituta nem o salário de um prostituto, porque um e outro são abomináveis ao Senhor, teu Deus. (Dt 23, 17-18)

Contudo, não apenas o povo judeu renúncia e marginaliza essas mulheres, polacas ou prostitutas, ou apenas a segunda denominação. Desse modo, pensar em uma identidade nacional não pode ser um objetivo a ser alcançado na produção escrita dos historiadores da literatura sem considerar tais atravessamentos. Essa identidade como algo fundamental para o interesse de quem consome teoria literária, também serve para entendermos, historicamente falando, as nossas raízes. São fragmentos histórico-literários, como é o caso da escrita de Moacyr Scliar, que nos leva a pensar sobre a música “Troca de calçada”(MENDONÇA; TCHULA; FERRARI, 2021), composta pela cantora Marília Mendonça em 2021. Na letra em questão, Marília fala sobre o cenário em que as pessoas, ou os ditos socialmente, “cidadãos de bem”, trocam de calçada quando encontram uma prostituta na rua. “Fique em silêncio, não aponte o dedo, ela tem motivos pra estar desse jeito. Isso é preconceito”, diz um dos trechos da canção em que a compositora brasileira afirma que existe uma história que levou aquela mulher a estar naquele emprego e naquelas condições. Ressaltando a forma desumana como essas mulheres são tratadas apesar de suas histórias, o que transcende a responsabilidade social de ocupar espaços, uma vez que essas mulheres “da vida” são também o resultado da desigualdade e da impunidade presente em nossa sociedade.

Quase sempre para garantir o próprio sustento e até mesmo o sustento da família, essas mulheres assumem, junto ao “nome de guerra”, uma outra persona para aguentar as humilhações e o perigo que estão ligados à prostituição. Esther, a protagonista de Scliar, obtém grande sucesso profissional no Brasil e monta seu

próprio cabaré. O lugar é inspirado na *belle époque* e passa a ser frequentado por pessoas da alta sociedade.

> Em seu período de apogeu a Casa contava, em seu plantel, com vinte e sete mulheres de variadas procedências, incluindo uma japonesa e uma sueca. A cozinha era capaz de preparar até trinta refeições quentes ao mesmo tempo; o cozinheiro era um húngaro muito competente. Todos os quartos tinham campainha e banheiro com água quente e fria; rádio de doze válvulas, geladeira com bebidas, e iluminação especial eram os atrativos das duas suítes. (SCLIAR, 2002, p.91-92)

Na passagem acima, a descrição detalhada constrói uma imagem sobre o ambiente que Esther criara como representação da sua ascensão no novo fragmento identitário. Judia e gaúcha, empresária e personagem da própria peça teatral, Esther magnetiza os olhos do leitor na curiosidade de entender como essa mulher tão forte e obstinada acabou em uma calçada, seduzindo um ladrão, já na velhice. “É uma mulher, sentada na calçada. Muito encolhida e enrolada num velho xale: daí a impressão de trouxa. Não, não é trouxa. É uma mulher e parece adormecida. Estranho é o perfume que exala: perturbador (...)” (SCLIAR, 2002, p.8)

Desse modo, este capítulo buscou apresentar e problematizar os principais pontos que fundamentam a temática dos estigmas acerca da prostituição e o cenário diacrônico que estabelece isso. Contextualizando o problema no campo da história da literatura e das questões do cotidiano, à luz do referencial teórico e das abordagens metodológicas de análise da narrativa e de seus elementos presentes. Sendo assim, as reflexões desenvolvidas também embasam as análises que serão aprofundadas no capítulo seguinte, a fim de avançar na compreensão crítica sobre o fenômeno da identidade cultural presente na figura de Esther e percebidos através de arquétipos e simbologias da literatura.

2 A IDENTIDADE CULTURAL E SUAS REPRESENTAÇÕES EM O *CICLO DAS ÁGUAS*

Dentre as principais questões apresentadas pela historiografia literária, a linearidade das produções, a ideia da continuidade e mesmo de uma consolidação nacional, muitas vezes aparece como prioridade antes de uma observação acerca das diferenças dos grupos dos quais se fala nos escritos de quem faz literatura. Nelson Vieira, no texto *Hibridismo e Alteridade: estratégias para repensar o texto literário,* apresenta uma questão pertinente nesse sentido quando diz “Em termos da nossa ótica, será que hibridismo e alteridade representam uma ameaça no seu desafio a estabilidade de um patrimônio nacional?” (VIEIRA, 2003, p.97). A literatura de Moacyr Scliar transmuta o imaginário do sujeito emigrado para o real de um povo que constrói os povos brasileiros e estrutura a nacionalidade na literatura, de modo que *O ciclo das águas* é parte da fragmentada identidade cultural presente em nossa literatura. Diante de uma história da literatura contada, tantas outras contam-se na multiplicidade cultural viva em Esther. Nesse sentido, o símbolo da sereia, que acompanha a protagonista ao longo da narrativa, é interpretado como metáfora da ambiguidade feminina, mas também cultural e identidade. Metade mulher, metade peixe, a duplicidade que revela o hibridismo identitário e a incompletude da experiência de Esther, tanto como mulher quanto como imigrante. Conceitos de identidade e cultura como entidades distintas, nesse sentido, são falhos e caracterizam apenas a nossa vontade enraizada de segregar.

Se analisarmos a figura da personagem Esther de Moacyr Scliar como a mulher judia que torna-se prostituta, paralelo à figura feminina materna, abrasileirada e frágil, separamos a essência de algo que não é como água e vinho. Esther é a representação da mulher emigrada que desconhece a realidade a qual se direciona, e que tem o impacto cultural tanto quanto o teria se realmente o casamento com Mêndele tivesse sido verdade, com os sonhos de maternidade ideal, tornam-se mais uma esposa monogâmica e dedicada. Se a história de Esther fosse a história de uma mulher comum, em situação de mudança física e cultural, ela ainda seria atravessada pela cultura e pelas representações do lugar de destino, e isso ainda seria um conflito com o lugar de origem. Dessa forma, a questão aqui a ser refletida nada tem a ver com as particularidades de Esther como barreira de aculturação, mas pela inevitável fusão que o contexto traz, seja na resistência da preservação de sua

origem em detrimento às máscaras necessárias da nova existência, seja pelo apagamento universal que lhe sucede, à contragosto ou não.

> A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.” (HALL, 2006, p.12)

Essa é uma possibilidade de compreender a construção da identidade, dada por Stuart Hall (2006) e que nos ajuda a perceber o processo pelo qual passamos na vivência de mundo a que estamos inseridos. Sempre que estamos em sincronia com a adaptação, cabe a projeção daquilo que somos para que possamos ser integrados pelo meio. Em nossa percepção subjetiva, portanto, somos completos à medida que conseguimos fundir quem fomos e quem nos tornamos a cada experiência, processo que nem sempre é consciente, mas sempre é permeado pelo desacomodar de alguma estrutura que precisava ruir.

Por inúmeras vezes, aquilo que pensamos nos tornar está de acordo com a experiência que pretendíamos, mas sempre inerente a toda forma de pretensão, as novas informações chegam e mesmo um ato simples cotidiano pode alterar a racionalidade daquilo que queremos mostrar. A questão aqui é estabelecer o preceito da vontade do indivíduo, alheio aos mecanismos de preservação, a fim de não corromper os laços que não são nós, mas que podem apertar na medida em que a recusa é mais forte que a aceitação. Somos feitos de poeiras pequenas de estradas cujas pedras, às vezes, nunca mais pisaremos, mas resgatamos, sempre alheios a toda vontade de não estar no isolamento do ideal projetado no espelho que não conta nada além da realidade imediata.

Neste capítulo, pretende-se analisar e perceber os fragmentos de construção identitária através de elementos literários e culturais, sob a perspectiva de que somos e estamos em constante adequação àquilo a que as circunstâncias da existência nos direcionam. E, assim sendo, pelos ciclos tais como os das águas de Scliar, formamos a nossa identidade cultural de maneira contínua.

2.1 Pelas águas do mundo: identidades culturais fragmentadas

Todo o nosso olhar tem parcialidade e está sob um ponto de vista que pode ser alterado de acordo com a circunstância. Assim é a nossa identidade, de modo que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (Hall, 1999, p.13), somos, portanto, como quisermos ser de acordo com a oportunidade.

> Fazendo amizade com outras mulheres judias, como ela, da Polônia, da Rússia. (...) Aprendendo artes de amor, e o tango; o tango, gostando muito de tango. Vestindo-se bem, preferindo muito o couro, o macio couro das reses argentinas. E peles. Tomando champanhe com fazendeiros do interior e com ricaços da capital. (SCLIAR, 2002, p.33).

Quem fala, para quem fala e quando se fala, está à mercê da escolha de quem enuncia. Sendo assim, o próprio sujeito polonês pode se dizer polaco, porque o seu receptor de discurso talvez não saiba separar os significados de seus estigmas. Ainda que tenhamos a sensibilidade ou o conhecimento necessário para perceber as situações além da superfície, é preciso que não condicionemos as situações às suas possibilidades imediatas, tendo em vista que a própria identidade é mutável. É natural que tenhamos valor naquilo que é herdado por nós, mas isso não pode ser a última voz que nos faz quem somos com o que temos. Silviano Santiago, diz sobre este hibridismo cultural que vivemos “um entrelugar”, o que ocorre aos emigrados. Isso porque há o conflito entre a cultura de origem e a cultural atual, e isso causa-nos o sofrimento de não pertencer nem a um nem a outro.

Entretanto, os conflitos de contraste identitário, originam, por vezes, de memórias que insistimos em resgatar com o propósito de satisfazer o vazio do agora ou para remoer as escolhas de antes. É como se precisássemos de algo a que possamos nos agarrar para não deixar que o sentimento de felicidade ou satisfação, esteja apenas no vaguear de nossas lembranças. Por vezes, são situações do passado pelas quais experienciamos no protagonismo ou na plateia, mas que legitimam a sensação de felicidade para o momento presente. Tais resgates ocorrem na angústia do pertencimento, na realidade do fragmentar de quem já fomos e do que sobrou de nós. E isso é algo tão natural a que nos submetemos, que cotidianamente deparamo-nos com a vontade de tomar chimarrão no horário de final de tarde, pela justificativa da preferência, como se em qualquer outro momento do dia não fosse capaz de satisfazer a sensação de tomar chimarrão sozinho, porque

em memórias resgatadas de algum passado feliz, a hora do chimarrão no final da tarde concede a sensação de acolhimento, do ritual que outrora foi acompanhado de alguém que no tempo presente já não está mais ali materialmente. A fim de compreender com mais exatidão sobre as identificações de memória e construção da identidade, Michael Pollack discute:

> Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLACK, 1987, p. 02)

No detalhar uníssono de Pollack, é possível perceber que a construção dada a partir da memória, porém, pode também ser uma experiência ocular, aquela em que sequer participamos, mas tamanha foi a sua importância no coletivo, que têm o poder de nos retalhar de igual maneira. Assim ocorre em situações de traumas, como na própria situação do holocausto ou da colonização. *O barco* foi uma obra de arte construída pela silhueta de um barco feita a partir de madeiras queimadas propositadamente, expostas no porto de Lisboa, com um poema gravado e pintado em ouro. As madeiras queimadas formam um barco, tudo pensado a partir de um poema criado pela artista, Grada Kilomba. É, além de tudo, uma experiência sensorial porque pode-se tocar nas madeiras, sentir o cheiro de queimado e observar o contraste com as escrituras em ouro, metal precioso tão importante nas violentas expedições portuguesas. Essa obra resgata a história da colonização como o genocídio e a desumanização que a caracteriza. Com isso, pensa-se no que pode projetar a memória reconstruída e, contextualizado à fala da artista em entrevista sobre a obra (2023), quanto à importância de começar a contar a história dessa forma para que a barbaridade não se repita. Quanto a isso, Beatriz Sarlo defende em sua obra *Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva*

> O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). (SARLO, 2007, p. 9)

Grada Kilomba busca esse resgate da memória dos povos africanos escravizados, a fim não só de recontar a história sob a perspectiva do oprimido, mas

na busca constante de pertencimento identitário, uma vez que nós somos a história que nos representa. O resgate da memória coletiva, portanto, desenha necessariamente a construção de identidade cultural como prioridade explícita. Há, portanto, um intercâmbio entre a noção de local de origem e o território, um espaço definido e delimitado a partir das relações de poder, qualquer tipo de deslocamento, temporário ou definitivo, implica a ruptura das raízes do indivíduo. Dessa forma, desterritorializar-se, caracteriza o rompimento com esse espaço histórico, relacional e identitário.

> Em uma entrevista, Deleuze (apud HAESBAERT; BRUCE, 2009, p.7) afirma que 'não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte'. Esse processo de reterritorialização requer a interação e adaptação ao lugar que há de tornar-se o novo território. São os padrões de interação que asseguram ao indivíduo, como membro de um coletivo, certa estabilidade e localização.

Exilar-se dentro de si, talvez seja a pior das possibilidades, pensando nas implicações psicológicas da identidade dos povos que precisaram deixar suas terras e talvez suceda a todo aquele que precisa emigrar, querer voltar e não poder ir, querer ficar e precisar partir, é um drama que não se pode descrever distante das tramas do imaginário proposto na produção literária. Nessa perspectiva, a representação de Esther com os resgates de memória, contorna a necessidade de agarrar-se não só a quem é, mas a quem foi.

> Neste passeio, realizado um dia de muito sol, ela vai alegre, espiando-o pelo canto do olho, apaixonada que está. Ele, quieto como sempre. De repente , para, puxa-a para si. Beija-a no rosto. Ela ri, confusa. Ele baixa os olhos. (...) Muitos anos depois ela lembrará a expressão angustiada no rosto do rapaz. (SCLIAR, 2002, p.14)

Em cada fragmento, um laço, em cada constatação, um nó. Na garganta de Esther, a sensação atravessada de que escolher a vida do presente foi motivação de uma história mentirosa, contada por alguém em quem ela depositou confiança, alguém em quem a sua família depositou confiança. Este cenário evoca muitos outros na história da literatura testemunhal ou não, já que o resgate da memória que faz os fragmentos identitários serem construídos, são sempre inerentes e alheios àquilo que nos dispomos por mero acaso. A quebra de expectativas de felicidade possível no tempo presente, faz Esther amargurar as memórias do tempo em que ela fez a escolha que mudou toda a sua vida. Porém, nesse mesmo contexto, também satisfaz Esther, que rememora as cenas bonitas do casamento, do apoio

dos pais e da felicidade efêmera que lhe acometeu naquele tempo já ido, mas que ainda lhe constrói uma faísca de esperança no presente de sua existência. “É uma festa bonita mesmo. Toda a aldeia participa. A sinagoga está iluminada; no salão ao lado, a mesa do banquete.” (SCLIAR, 2002, p.17)

Partindo desse viés, a narrativa desloca-se com frequência entre os ciclos que construíram essa identidade de Esther entre os mundos ao qual pertence, no movimento de ir e vir, alto e baixo, evidenciado pela sorte do dia ou pelos elementos que a acompanham. “Sobre sua mesa, dois telefones, agendas e um *recuerdo* do passado – a estatueta da pequena sereia, cuja cabeça às vezes acariciava enquanto atendia o telefonema de um cliente.”(SCLIAR, 2002, p.93). Como a figura da sereia que acompanha Esther, assim foi a dissolução das narrativas que a atravessaram nesta circular da vida.

2.2 Marcos, o filho da outra: a mãe prostituta no caminho entre literaturas até *O ciclo das águas* (2002)

> Sim, sou eu a moça judia, diz Esther e convida-o a entrar no quarto. (...) tenho um filho, a senhora sabe, um bom rapaz, mas tímido, já está com vinte anos e não foi com mulheres, então eu vim falar com a senhora, eu sei que a senhora é uma moça judia, uma boa moça, e para o meu filho quero só o que é bom, o melhor. (...) Como é teu nome moço? — Rafael. (SCLIAR, 2002, p.44-45)

Foi assim o início do ciclo de Marcos, filho de Esther e Rafael. Um homem judeu a procura no bordel onde trabalha, em Porto Alegre, e pede que inicie o filho na vida sexual, porque segundo ele, ela é uma boa moça judia. Apesar de Esther não ser aceita na comunidade judaica emigrada, ainda assim é considerada boa para iniciar o filho de um judeu na vida sexual. O que mais uma vez, identifica Esther como objeto, mas um objeto melhor que as outras da casa, atribuída a sua identidade judaica. Marcos então, é filho de pais judeus, mas em circunstâncias desfavoráveis às tradicionais, seu nascimento não é comemorado pela família paterna, que sequer sabe de sua existência. No entanto, a identidade bipartida de Marcos tem fundamento antes mesmo que ele fosse um feto.

Quando toda natureza de sorte parece banal, qualquer indivíduo resgata a memória diluída em pó ou sangue, e assim reconstrói quem era e o que foi aquilo que o prendera por tanto tempo numa casca universal de personas subjetivas. É dessa forma que se constitui Marcos, o filho da outra. Dentro dessa analogia, há

diversas imagens. A primeira, diz respeito à canção *Cálice* (1978) de Chico Buarque de Holanda, cuja letra diz “De que me vale ser filho da santa/Melhor seria ser filho da outra/Outra realidade menos morta/Tanta mentira, tanta força bruta (...)”(BUARQUE, GIL. 1978).

De imediato, o filho da outra, oposta à santa, seria a puta, cuja conotação é exatamente essa, a mulher avessa à santidade, à mãe de família e à figura ideal do lar. À época da composição de Chico Buarque, a repressão da ditadura militar dominava os quatro cantos do país e nisso nada havia que se fazer, senão manifestar sobre as injustiças e violações cometidas, sendo para o filho da puta ou para o da santa, na alegoria atribuída. A *outra* converge em seguida, na justificativa do significado, para a realidade, fazendo menção ao momento de tanta brutalidade. Além disso, diversas leituras mais, são possíveis dentro da mesma composição, sem espaço no aqui e agora desta dissertação, já que Marcos, o personagem de Scliar, é o foco. Nesse contexto, de nada valia para Marcos ser filho de Esther em seus papéis de *outra* ou *santa.* O filho de Esther mãe judia ou Esther prostituta e dona de bordel, ainda seria quem era, o professor de História natural que conflitava com a origem judaica herdada e enraizada pela mãe, filho de um pai que nunca conheceu, curioso, criativo e atento sobre os ciclos e sobre as águas. Marcos era mais filho das narrativas que conhecia sobre sua mãe, contadas pela babá Morena, e do que ele mesmo podia enxergar na mãe que pouco esteve presente em sua criação porque estava sempre trabalhando e muito ocupada.

Quando abrimos as janelas, deparamo-nos com cenários diferentes daquele ambiente interno em que estamos. Isso sequer trata apenas do sentido figurado, já que o literal aqui também se aplica para entendermos a experiência do novo. Esther precisou lutar por Marcos desde o início da gestação, porque uma mulher prostituta não podia ser mãe, o comum é que abortasse e como ela se recusou, sabia que não poderia sustentar a situação por muito tempo. Um dia, depois de ser aconselhada pela gerente da casa em que trabalhava a cometer o aborto e recusar-se mais uma vez, ela então teve um sonho que a fez tomar uma atitude drástica repentinamente.

> Uma noite teve um sonho. Ela e Jaci, deitadas na mesma cama, dão à luz ao mesmo tempo. É tal a confusão de cobertas e lençóis ensanguentados, que uma criança morre sufocada. Aterrorizadas, elas tentam salvar o outro bebê, um menino. Chega Leiser: de quem é esta criança? Ameaçador. Elas não querem responder, ele saca a navalha. Vai cortar o nenê em duas metades – como o Rei Salomão…,Mas ele não é o Rei Salomão! É um bandido! Acorda, sobressaltada. Passos na escada; logo após, violentas batidas na porta.

> – Abre, Esther!
> É ele: o Leiser, o bandido. Não responde. Alucinada, salta da cama, joga algemas e roupas na valise, abre a janela, rola pelo telhado do alpendre, arranhando-se toda, cai no pátio. Foge perseguida pelo latido dos cães. (SCLIAR, 2002, p.65)

O drama vivenciado por Esther para conseguir a fuga, garantiu que Marcos viesse à vida. Ela conseguiu se esconder em uma vila distante e ajudada pelo destino e por boas pessoas que conheceu no caminho, deu à luz Marcos e pôde finalmente conquistar seu sonho de abrir ela mesma o seu bordel. Contudo, sabia que não podia criar Marcos, precisava se dedicar ao trabalho e tinha medo de que o antigo cafetão a encontrasse e encontrasse o seu filho, sobretudo. E foi então que entregou o menino para ser criado pela babá Morena, a dedicada mulher que cuidou de Marcos até que ele chegasse na fase adulta.

Sempre que Marcos se dispunha a abrir uma janela, percebia fragmentos de sua existência aos quais ainda não havia percebido.

> Aos dezoito anos, ganha de Esther um apartamento. Bem localizado: na avenida João Pessoa, próximo às faculdades. [...] Marcos tem o cabelo negro e encaracolado; usa um pequeno bigode. Sabe o que a mãe, sentada na poltrona diante dele, está pensando: que é parecido com o pai, que é muito parecido com o pai.(SCLIAR, 2002, p. 94)

Apesar de todas as construções sociais que fizeram de Esther a materna figura que provia as necessidades materiais do filho, Marcos sentia a ausência da mãe, “Às vezes minha mãe me olhava comer, os olhos cheios de ternura; suspirava, me beijava, chorava um pouco (Morena beliscando-a disfarçadamente), me beijava de novo (porra, mas como me beijava) e se ia em seu carro.” (SCLIAR, 2002, p.81) O filho sempre foi desejado por Esther, que sonhou em ser mãe desde o momento em que concebeu a ideia do casamento com Mêndele. O maternar de Esther era genuíno, mas a filiação de Marcos era incompleta.

Entre tantas possibilidades que surgem quando a mulher nasce para a maternidade, em Esther o mais forte era o projeto de estender as suas raízes de origem, a admiração pelo seu próprio berço e, sobretudo, a família. O projeto da família, ainda que ela não pudesse ter o tradicional modelo de família em que nascera, ainda assim o filho representava a sua herança no mundo, representava o pai *mohel* a mãe judia, a criação de animais na vila simples de onde viera. Para Esther, o filho representava que nem tudo havia se perdido quando ela perdeu a si mesma na ocasião de ter sido traficada pelo marido. Quando então ela já não poderia ter mais nada que a ligasse ao passado e ao laço de origem, surge a

gravidez, concebida por amor, já que Esther se apaixonou pelo jovem Rafael, também judeu de origem.

Essa situação, foi recebida por Esther, em alguma medida, como uma compensação da vida pelo passado sombrio de engano e desilusão. Quando ela já estava forte, reerguida, desejada por todos e com bases firmes em sua nova persona, surge Rafael, pelo qual ela se apaixona terna e ardorosamente e cujo sentimento é recíproco. “Rafael passa com ela as manhãs, as tardes, e mesmo algumas noites. (...) Faz poemas, o rapaz; declama-os andando de um lado para outro no quarto.” (SCLIAR, 2002, p.48)

Quando ela descobriu a gravidez, quis agredir o médico que sugeriu que ela pudesse abortar, porque a prostituição não era o sonho de Esther, era apenas a realidade cruel em que ela se adaptou e tentou tirar dali o melhor que havia. Ser mãe e passar para seu filho as raízes judaicas que lhe mantinham acesa a chama da esperança, isso sim era a severa dicotomia que fazia de Esther a mulher de ciclos atravessados que fora. Ela então resolve escrever ao pais, cartas que nunca foram respondidas, mas que nunca deixaram de ser escritas.

> Na sua hesitante letra em iídiche: “Queridos pais, vocês não responderam a minha última carta e eu nem sei se recebera, mas não importa, conto tudo de novo. – Mêndele infelizmente morreu na viagem de navio. Teve uma doença muito grave, o médico fez de tudo para salvá-lo mas não deu. Deus me ajudou e eu cheguei bem aqui, os amigos de Mêndele me receberam nessa cidade de Porto Alegre. (...) Deus me ajudou e eu me casei com um amigo de Mêndele e já tenho um filho, como vocês podem ver pela fotografia. É um menino muito lindo, parecido com o papai; dei a ele o nome de meu avô. É muito inteligente, acho que vai ser mohel como o papai, ou médico – que aqui é uma profissão muito importante. (SCLIAR, 2002, p.69-70)

Nenhum distanciamento geográfico fazia com que Esther desistisse da identidade judaica que cresceu para alimentar. Mas o mesmo não ocorria a Marcos e isso apenas evidenciava que toda a idealização que Esther projetou no filho desde a gestação, principalmente quanto à preservar a cultural de sua gênese, não bastava para a redenção. De certa forma, o que parecia com toda a construção narrativa da concepção de Marcos à sua fase adulta, era Esther materna na tentativa de purificar a si mesma, por um destino sujo e culposo, que seu pai, um *mohel,* jamais perdoaria.

E então Esther corria atrás de um perdão quase divino, conduzida pela culpa de ter se tornado quem se tornou após ser traficada. Marcos, no entanto, tornou-se um homem honrado e quase seguiu a predestinação que Esther pensara para ele:

“Fiz vestibular para a faculdade de Medicina, como muitos, e fui reprovado – como muitos. O fato de ter recorrido à História Natural depois desse fracasso não me despertou rancor contra o microscópio.”(SCLIAR, 2002, p.50).

No entanto, ainda que Marcos tivesse ciência do que a mãe queria além da questão da profissão, ele não foi capaz de promover essa alegria a ela. Esther tentou inúmeras vezes que Marcos tivesse em si um pedaço da origem cultural da mãe, mas sem sucesso. Marcos era o filho atormentado, que precisou crescer sem a presença cotidiana da mãe e sem sequer saber quem era seu pai. Apesar de todas as respostas que Marcos teve através da ciência, como o pesquisador que era, lhe perturbava desde criança os fragmentos de sua história que não podiam ser contados.

> Eu sempre quis saber. Nunca acreditei nas histórias da mulher que me criou: que meu pai tinha morrido, etc. Quando os meninos debochavam de mim, no Grupo Escolar, e eu chorava – não era por causa deles, não; chorava porque não sabia quem era meu pai e queria saber. A professora me pegava no colo e me contava histórias: a da Pequena Sereia e outras. Mas não eram contos que eu queria, era a verdade. A história verdadeira. A minha história natural. (SCLIAR, 2002, p.62)

Uma vez que Marcos não sabia de sua verdadeira história, não podia agarrar-se a traços sólidos para construir a sua identidade e esse era o seu martírio. Contudo, essa questão que lhe causou, por certo, conflitos e aflições abafadas em sua dedicação a outras coisas, também construíram o amor por sua mãe. Marcos relata em detalhes as lembranças que tinha de Esther em diferentes fases de sua vida, detalhes de quem se agarra a um fragmento de memória para compreender o tracejado da costura que cerziu sua vida.

> Às vezes ela vem me visitar. É uma linda mulher, a minha mãe, muito pintada e perfumada, num vestido estampado (flores coloridas sobre fundo verde: mata tropical). Não me canso de olhá-la. Não me canso de ouvi-la. Não me canso de acariciar seu vestido, liso e macio. É seda, e esta é uma palavra que gosto de pronunciar: *seda*. Gosto do seu vestido, gosto de sua voz, mas gosto mais de olhá-la.(SCLIAR, 2002, p.75)

Toda natureza de amor nasce da admiração, e Marcos admira sua mãe. Ainda que haja insatisfação de sua parte porque ela não pôde ser presente como uma maternidade comum, ainda assim ele nutre pela figura de Esther uma genuína saudade dada pelo amor.

A forma como lidamos com as ausências em nossas vidas, sempre divergem de acordo com a percepção de cada um de nós. A saudade de pertencer a alguma coisa, a algum lugar, ou a nós mesmos, por vezes é conduzida em malabarismo

talentoso para que consigamos, agarrados em algum ponto de equilíbrio, seguir nossas narrativas da existência. Nem sempre basta aquilo que temos materializado diante de nós, e é disso que se alimenta a reflexão que acompanha a figura de Marcos. Mas os filhos dessas mulheres, as *outras,* contornam suas lacunas narrativas com algum talento de sobrevivência.

Onde estariam os filhos dessas mulheres Esther, os filhos que são afastados de suas mãe e privados de olhá-las admirados, além dos vestidos de seda? Toda essa construção, no imaginário comum, corriqueiramente sequer acontece. Marginalizadas e desprezadas que são, seus filhos são herdeiros de algumas de suas chagas, motivo pelo qual Esther não permitia que fosse do conhecimento de Marcos a sua verdadeira história quando ele ainda era apenas uma criança. O amor de Esther era protetivo, afastar Marcos significava mantê-lo em uma redoma de vidro, à parte as mazelas do mundo da prostituição e dos crimes que envolvem tais circunstâncias.

No artigo recente, *Maternidade e interlocuções com filhos e filhas da puta (2022)* desenvolvido a partir de entrevista com mulheres que trabalham com o sexo em diferentes espaços, Fernanda Priscila Alves da Silva, da Universidade Federal do Amazonas, faz uma interessante análise sobre o maternar dessas mulheres.

> A maternidade para estas mulheres é “parada obrigatória” e também solitária. As Putas Mães são aqui entendidas a partir da positivação do que seja puta, ou seja, trabalhadoras sexuais que querem o reconhecimento de seu trabalho e de seu lugar nesta sociedade. Trata-se do reconhecimento de que estas mulheres, para além do trabalho sexual, trazem muitas questões e desafios enfrentados pelas mulheres de modo geral quando o assunto é maternidade. Elas têm construído suas famílias atravessadas ainda por alguns modelos heteronormativos presentes em nossa sociedade, mas também rompem com tais modelos na medida em que buscam tecer seus caminhos a partir dos vínculos construídos com seus filhos e filhas. (SILVA, 2022, p.5)

No artigo 5° da Constituição federal, há o esclarecimento que deveria proteger, inclusive, os filhos de mães prostitutas.

> Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido da forma da lei qualquer atentado por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

No entanto, não é suficiente para evitar que as crianças sofram as penalidades de terem nascido de mães que não pertencem à família tradicional e por esse motivo, muitas mulheres, assim como fez Esther, escondem a maternidade, protegem à duras penas os seus filhos, condicionando-os a uma criação por

terceiros, a ausência da mãe e passíveis, ainda assim aos traumas gerados por tais atitudes necessárias. Isso, porém, só ocorre porque ainda vivemos em uma sociedade que marginaliza e consome, julga como erro e favorece que ele continue acontecendo. Nenhuma negligência é tão grande quanto aquela que passa diante dos nossos olhos e nós, em nossos lugares de fala, permanecemos omissos.

Essa temática é bastante abrangente e trabalhada em outras pesquisas, mas ainda necessita de intervenção a fim de que seja amenizada. “Tudo o que eu fiz, está dizendo Esther – e já é de madrugada – Foi por ti, Marcos. Tudo o que eu fiz e faço, é por ti…”(SCLIAR, 2022, p.88), justificativa bastante comum que essas mulheres que Esther representa, usam com seus filhos para que eles possam entender todas as privações, humilhações e várias outras circunstâncias desfavoráveis que os acompanham desde o berço, pela chaga de terem nascido em ventres de corpos comercializados.

É uma realidade dura e cruel, mas engajada na majestade dessas mulheres pela busca de situações melhores e, sobretudo, os filhos não precisem seguir os passos profissionais da mãe. Evidentemente, aqui não se romantiza a prostituição como um trabalho heróico ou algo nesse sentido, a análise é baseada nos discursos da personagem Esther e em literaturas de pesquisa de campo, tal como o artigo mencionado acima.

2.3 Esther e a pequena sereia

O desejo é um terreno fértil para a construção e a desconstrução do poder. Uma mulher bonita tem muito poder, mas a construção desse poder é também permeada pelos atravessamentos sociais que estão ligados a isso. Dessa forma, uma mulher bonita sofre, inevitavelmente, o julgamento feminino de inveja e sentimentos que deslegitimam a sua capacidade pelo fato de sua aparência física se destacar. Por outro lado, o público masculino tende a identificar essa mulher como objeto de desejo sexual, culturas intrínsecas a nós e que têm, cada vez mais, tomado força com a ascensão das redes sociais.

Essa beleza física, muitas vezes, não é só o padrão do que é considerado belo em determinada época, mas o contexto da persona, que torna uma mulher bonita interessante e, consequentemente, que atrai a atenção para o bem e para o mal. O sofrimento de uma mulher que se destaca pela beleza, então, parte do mito e

incorpora-se às narrativas singulares da realidade. A exemplo disso, Eros e Psique, na mitologia grega.

> Já Psiquê, mortal, era uma das três filhas de um rei, todas muito belas, capaz de despertar a admiração de qualquer pessoa, tanto que muitos vinham de longe para apreciá-las. Logo, as duas irmãs de Psiquê casam-se. Apenas a jovem não casa, ainda que seja a mais bela das três, e justamente por isso era a mais temida, já que sua beleza fazia seus pretendentes terem medo. (ARAÚJO, 2024)

Com isso, a deusa da beleza, tomada de ira e inveja, tentou puni-la, o que deu errado e resultou no casamento da mortal com Eros, o filho de Afrodite. Mas o tormento de Psique estava apenas começando, pois ela não conhecia a verdadeira face do marido, nem sabia que ele era um deus. As irmãs de Psique então, encolerizadas de inveja, envenenaram a bela para que ela desobedecesse a Eros e tentasse ver seu rosto. O mito retrata exatamente o cenário de uma mulher humana de beleza sobrenatural, repudiada por figuras femininas dos dois mundos apenas porque nasceu bela. E só o amor de verdade pôde então protegê-la, já que Eros amava-lhe tão profundamente que a perdoou pela fraqueza de ser influenciada pela maldade das irmãs e, finalmente, puderam desfrutar do amor em paz.

Contudo, à parte o mito, a realidade de mulheres destacadas pelo poder feminino é outra. Esther, a prostituta judia, precisava dos encantos femininos como instrumento de trabalho, seduzir era parte da sua profissão, daí então a sua identificação tão forte com a figura da pequena sereia. Sereias são criaturas místicas, a própria representação da sedução e da feminilidade, na fluidez das águas e dos ciclos da vida. “A sereia, metade mulher, metade peixe [...] é uma figura anfíbia que seduz, mas nega a posse amorosa, movendo as pulsões obscuras e primitivas do homem, chamadas a um prazer inalcançável” (WALDMAN, 2011, p. 40). Como a ludicidade da literatura e a dura realidade da vida que inspira os escritos, as narrativas são construídas e opostas àquilo de previsível que podemos esperar do fazer literário. As sereias seduzem porque é a sua natureza, mas não de natural em uma sereia amar e protagonizar um casal monogâmico, tal como ocorre no mito de Eros e Psique, por exemplo. Quando Esther assume os novos fragmentos de sua identidade, antes polaca e judia, agora brasileira e prostituta, ela precisa pertencer a alguma coisa, mesmo diante de tantas ambivalências. A representação da sereia, portanto, um ser que pertence ao mar, mas também pertence à terra, é fundamental para essa identificação. Não só por este viés

interpretativo, mas pela construção de um espelhamento a uma imagem que tem poder movido pela sedução. O sonho de Esther, uma vez destruído, foi reconstruído, e agora depende apenas dela para ser realizado. Quando Esther assume a personagem de Esther Marc, a prostituta francesa, ela deixa a antiga Esther Markowitz adormecida na figura que vai desejar maternar Marcos, mais tarde, mas que no princípio da nova vida emigrada, deseja apenas a autonomia que só o poder construído por ela pode proporcionar.

Em produções cinematográficas, arquétipos, poemas, histórias infantis e até em fetiche sexual, a sereia aparece como a figura mitológica que abriga em si uma dupla: metade peixe, metade mulher. Além da dicotomia física, a sereia também é feita de sentimentos bons e maus, é retratada assim nas histórias em que é personagem principal ou coadjuvante. A principal característica, porém, é construída a partir do canto da sereia, que tem o poder de seduzir e encantar quem quer que o escute. Na produção cinematográfica *Piratas do Caribe (2003),* por exemplo, existem as sereias representadas por figuras muito bonitas, que cantam para atraiçoar marinheiros e matá-los assim que entram nas águas do mar ao seu encontro. A sereia Syrena, interpretada por Astrid Bress, é a primeira sereia a aparecer visualmente na franquia, no quarto filme, *Piratas do Caribe: navegando em águas misteriosas.* Ela aparece, no entanto, como uma figura bondosa, que salva um homem de coração bom, eles se apaixonam mutuamente e ele também a salva quando ela é capturada pelos piratas que precisam de suas lágrimas mágicas e extremamente raras. O enredo do filme é apenas uma versão da figura das sereias, assim como há outros. Do mesmo modo, Esther, a protagonista de *O ciclo das águas,* é apenas uma versão de mulher forjada em ciclos e em mistos de sentimentos híbridos como ocorre às sereias.

No início da narrativa de Moacyr Scliar, surge a figura física da sereia, um abajur cuja base é uma sereia, encontrado por Esther no primeiro bordel por onde ela passa, em Paris. “O reencontro com a Sereia se dará na Casa dos Prazeres, em Paris, onde foi desvirginada, e de onde carrega consigo um abajur com a imagem de uma sereia que a acompanhará até o fim de seus dias.” (WALDMAN, 2011, p. 39). O híbrido permeia a formação identitária e social de Esther e, assim a acompanha até a decadência no decorrer do tempo. A sereia, metade mulher, com emoções humanas e parcialidade em questões da terra, é a mesma com cauda de peixe, que lhe permite habitar dois mundos. A beleza da personagem Esther na comparação

com a sereia, está no habitar de dois mundos constantemente, assim como constitui a duplicidade de uma persona que constrói e celebra a vida que os caminhos a levaram. Assim como Pandora, na mitologia, que ao abrir a caixa, soltou tudo o que havia de sentimento ruim para a humanidade, Esther também se corrompeu quando aceitou descobrir o que havia por trás do submundo da prostituição. Mas assim como na caixa, Esther se acometeu do último sentimento que restou, que foi a esperança e isso a tornou indestrutível como mulher sereia, prostituta e mãe, judia e gaúcha.

Toda essa natureza mitológica da sereia que aparece permeando os ciclos de Esther, é construída com a sensibilidade de quem entende uma história contada por muitas bocas. Além de toda a analogia evidente da ambiguidade da sereia, ainda há as narrativas populares que são construídas acerca dessa figura mítica. A ambivalência da sereia como boa ou má, sedutora ou inocente, frequentemente é conduzida pelo narrador e pelo propósito das narrativas. A exemplo disso, o mito da sereia dos mares foi contado por uma sociedade coordenada pelo masculino que, historicamente, demoniza a figura feminina em diferentes performances. A sereia, assim como a bruxa, a feiticeira, é sempre conjugado no feminino a fim de que o conceito de mulher como perigo fosse perpetuado, e assim é. Os marinheiros, em seus cenários de sujeitos desbravadores, ainda que fossem saqueadores, os conhecidos piratas, ainda eram vistos como importantes dentro das narrativas. Contudo, a sereia, figura feminina é construída como sedutora, é um perigo eminente para estes homens. Através do canto e da beleza, elementos agradáveis aos sentidos e fatais para a existência masculina. A sereia ainda existe em algumas narrativas como um ser demoníaco de aparência, como no exemplo cinematográfico do filme *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2005).

Outra questão que não se pode deixar de observar, a respeito da Pequena Sereia presente na narrativa de Scliar *O ciclo das águas*, é a maternidade de Esther quase como reprodução independente, tal como as sereias que não precisariam da presença masculina para desenvolver o maternar, porque basta-lhes a si próprias com os seus dons de gestar dentro ou fora de seus corpos. E assim é com Esther, pouco depois de gestar Marcos, sofrer inúmeras situações de desespero e medo para garantir que o menino nascesse saudável, ela finalmente consegue retomar a parte de si que assumiu o compromisso de vencer e ascender na profissão que a

vida lhe deu e depois de arquitetar todo o plano de como isso aconteceria, consegue dar início ao projeto.

> Vai ter com o velho Mathias. O fazendeiro não acha boa a ideia: não quer adiantar o dinheiro. Esther lembra-lhe os torneios de amor, o segredo que guardou – mas que pode contar a qualquer momento… Mathias preenche o cheque. Ela beija-o, e sai, apressada: tem muito trabalho pela frente (...) Três meses depois a Casa é inaugurada. O nome, em néon vermelho, sobre a porta: *Casa da Sereia*. (SCLIAR, 2002, p.73)

Toda a trajetória de Esther é feita com a pequena sereia, o objeto é quase um amuleto que a acompanha e a sustenta não só nas horas difíceis, mas também nas boas. “(...) a pequena sereia, que Jaci resgatou, num lugar de honra.”(SCLIAR, 2002,p.73). Mas apesar dessa conexão de Esther com o mundo místico da simbologia da sereia, o leitor compreende suas percepções através dos pequenos olhos daquela estátua. A escrita de Moacyr Scliar nos conduz para essa questão psicológica do apego de Esther, mas paralelamente reafirma o apego à possibilidade de um Deus que vem do judaísmo para ela. Esther não promove nenhum tipo de culto, o que pode se explicar também pela exclusão por parte da comunidade judaica à mulheres como ela, e ao mesmo tempo pelo esforço de preservar para que não fosse apagada essa parte dela. A pequena sereia, quase como uma entidade, está presente e em destaque, contada não só pela narração de Esther na história.

> *(Marcos)* Atrai-o a estatueta da pequena sereia . Examina, fascinado, os olhos amendoados e vazios, a boca entreaberta num sorriso tímido, triste. Um pequeno grito o sobressalta: caiu sobre mim, o bruto! Esther, se queixando. Outro gritinho, um gemido – e ela se cala.(SCLIAR, 2002, p.87)

Na ocasião, Esther conta a Marcos, que já é um rapaz, sobre a verdadeira história de sua vida, sobre o pai dele e todos os sofrimentos pelo qual passou quando ela foi estuprada no primeiro bordel, em Paris, com a presença do marido, que a havia levado para o tráfico de mulheres. Lugar de origem, também, da estátua da pequena sereia. Aqueles pequenos olhos que chamaram atenção de Marcos, presenciaram todo o horror de Esther.

Considerações finais

A trajetória de Esther em *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar, é feita do que há de mais genuíno na história da literatura – a ficção do real. Através da Análise Narrativa, cuja prática estuda como as pessoas contam suas histórias e dão sentido, assim, às suas experiências, percebendo o contexto para entender a construção de significados individuais e sociais que formam fragmentos culturais. Compreendeu-se os elementos fundamentais que regem a formação da identidade cultural em atravessamento com as questões cotidianas, – tal como a prostituição em Esther – que, em hipótese apresentada, forma-se no espelhamento de quem somos através da representação de sentimentos e construções fragmentadas das máscaras a que somos submetidos no cotidiano, sobretudo as mulheres em situação de prostituição. Esther é uma mulher que é muitas e faz uso das adaptações sociais como recurso de sobrevivência pós-trauma. Desse modo, isso foi percebido a partir das reflexões da metodologia aplicada do auxílio da base bibliográfica. Dessa forma, a identidade judaico-gaúcha é ambientada por atravessamentos culturais da imigrante Esther. Desejos contidos, perdas que são resgatadas pela memória, adaptação aos novos hábitos da profissão mais antiga do mundo, ambivalências distribuídas em dias mais ou menos chuvosos, fazendo analogia às águas de Scliar**.**

Tudo isso organizado pelo objetivo geral que foi analisar em *O ciclo das águas*, quanto à forma de Moacyr Scliar dissertar sobre a questão da imigração judaica na capital gaúcha, sobretudo em relação às trocas culturais com a comunidade local, partindo da representação da mulher judia, justificada na figura de Esther, vítima de tráfico humano e condicionada ao caminho da prostituição. Além dos objetivos específicos, que harmonizaram o primeiro, e, assim, identificou-se em Esther uma imigrante judia, em processo de formação identitária, atormentada pelo distanciamento geográfico da família e de suas raízes culturais, registrados em cartas que nunca foram respondidas e na quase certeza da morte dos pais em campos de concentração, tudo isso aliado à rejeição da comunidade judaica que jamais aceitaria uma prostituta, ainda que optar por essa vida não tenha sido o sonho de infância dessa mulher. Nesse sentido, a hipótese de que a formação de identidade cultural para a construção de uma Esther judaico-gaúcha a fortaleceu e a fez resistir aos tantos atropelos de quem foi traficada, valeu-se pelo recurso da

memória e da preservação da cultura de origem – inclusive em relação ao Deus bíblico e à maternidade – aliados à adaptação em uma sociedade diferentes, mas que a integrou melhor que o seu próprio povo que, apesar de também emigrado, a rejeitou e a puniu por uma chaga que ela não buscou. Tudo isso a fez permanecer viva e tentando pertencer, no sentido enraizado de deslocamento e trânsito de quem somos e quem nos tornamos no cotidiano que estamos inseridos.

Sendo assim, o estudo cultural da identidade de Esther que foi aqui realizado com a fundamental ajuda e desempenho da metodologia da Análise Narrativa, evidencia que não podemos homogeneizar a formação cultural no Rio Grande do Sul e mesmo no Brasil. Os imigrantes que constroem essa sociedade trazem seus fragmentos, mas também os recebem, seja pelo acolhimento ou pela rejeição. Assim como a teoria da historiografia literária, que não pode ser entendida como um recurso da literatura disposto para promover uma identidade nacional de escrita, dado que os textos literários sempre carregam imagem e semelhança de seus autores, cada um apontando para as chagas às quais mais são afetados. O que ocorre não só na literatura, mas em diferentes formas de expressões artísticas, conforme foi apresentado no dissertar deste trabalho.

A fim de compreender o texto e os ciclos em Esther e em Scliar, o articular dos elementos simbólicos abordados nesta dissertação, foram analisados buscando mostrar que o autor vai além de usar o suporte literário para a denúncia do tráfico de mulheres judias no século XX, ele constitui como narrativa intensa, simbólica e atemporal. Os elementos simbólicos — como a água, a máscara e a pequena sereia — entrelaçam a história de Esther como um fundamento genuíno da análise da condição humana em situação de formação identitária. Os ciclos de Esther ecoam e atravessam não só como metáfora para o grande ato de juntar os próprios cacos para sobreviver, mas como elemento de poder da mulher que também queria amar e ser amada, seja pela maternidade, seja pelos clientes na prostituição. Tudo isso para substituir e regenerar as rejeições sofridas desde o apartar de sua família e de seu lugar de origem.

Concluo este trabalho, então, afirmando que *O ciclo das águas* é um romance essencial para compreendermos não apenas a história da produção de literatura judaico-brasileira, mas os modos como a literatura registra e ressignifica memórias que foram silenciadas na história social e isso faz de nós, inacabados. Esther é um

símbolo de resistência, ela é também as muitas que representa na força sutil de aceitar nada menos que sobreviver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. *Identidade cultural e literatura brasileira*. São Paulo: Edusp, 2024.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea.* São Paulo: Perspectiva, 2002.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BLAY, Eva Alterman. *Prostituição e marginalidade social.* São Paulo: Editora 34, 2002.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BUARQUE, Chico. *Cálice*. [S.l.]: Phonogram/Polygram, 1973. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2W3uP3iPpQ8. Acesso em: 7 set. 2025.

CALIXTO, Lunara Abadia Gonçalves. *Guerra e prostituição em O ciclo das águas, de Moacyr Scliar.* Revista da USP, n. 128, p. 12-27, 2021.

CÁNOVAS, Maria. *O ciclo das águas de Moacyr Scliar: identidade e memória.* Porto Alegre: PUC-RS, 2011.

CHIARELLI, Stefania. *Imigração judaica e literatura no Brasil.* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

FERNANDES, M. *Memória e identidade cultural.* Rio de Janeiro: Record, 2012.

FRIDMAN, Fania. *As polacas: o comércio de mulheres judias do Rio de Janeiro para Buenos Aires (1889-1930).* Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FROES, Ana Carolina. *A Zwi Migdal e o tráfico internacional de mulheres judias.* Revista de História Social e Cultural, v. 5, n. 2, p. 1-12, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Cultura e representação.* Londres: Open University Press, 1972.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. *Territórios alternativos*. São Paulo:

Contexto, 2009.

HUB JORNALISMO ESPM. *Prostituição na pandemia: relatos de mulheres.* Hub Jornalismo ESPM, 2021. Disponível em: https://hubespm.com.br/. Acesso em: 7 set. 2025.

L& PM EDITORES. *Palavra de escritor* – entrevista com Moacyr Scliar. YouTube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=.... Acesso em: 7 set. 2025.

MARTINS, Alessandra. *Polacos, gringos e brasileiros: identidades no Rio Grande do Sul.* Revista de Estudos Regionais, v. 4, n. 2, p. 1-15, 2005.

MENDONÇA, Marília; TCHULA; FERRARI. *Troca de calçada.* Goiânia: Som Livre, 2021.

MOREIRA, Ariádga. *O espaço da prostituição na literatura brasileira do século XX.* Revista Letras, v. 3, p. 1-15, 2007.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar.* La Habana: Jesús Montero Editor, 1940.

PENA, Felipe. *Teoria da biografia literária.* Rio de Janeiro: Record, 2003.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio***.** Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social.* Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 2, n. 1, p. 2-15, 1987.

REIS, Lívia. *Transculturação e identidade: leituras de Fernando Ortiz.* Revista Brasileira de Antropologia, v. 54, n. 2, p. 233-245, 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (vol. 1, 2 e 3). Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1997.

SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano.* Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas.* Porto Alegre: L&PM, 2002.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica.* Porto Alegre: L&PM, 1985.

SILVA, Maria José da. *O ciclo das águas de Moacyr Scliar à luz da hermenêutica simbólica.* Revista de Literatura e Simbologia, v. 2, n. 1, p. 25-40, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIEIRA, Nelson. *Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar o texto literário*. Revista de Letras, v. 42, n. 2, p. 95-108, 2003.